Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

“A Velhice no Olhar de Futuros Educadores”

Ana Rosa Andrade
São Paulo - 2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

"A Velhice no Olhar de Futuros Educadores"

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob a orientação da Profª Dra. Vera Lúcia Valsecchi de Almeida.

ANA ROSA ANDRADE

São Paulo - 2009

BANCA EXAMINADORA

_____

_____

_____

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processo de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Local e data:_____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e pelas dificuldades que me permitiram a sair da inércia; por essas dificuldades, meu muito obrigado.

Aos meus pais, heróis como meus avós, que não se curvaram diante das dificuldades e me ensinaram a enfrentar os desafios que possivelmente surgiriam ao longo da vida. Com eles, aprendi valores, crença, verdade, amor, ou seja, tudo.

Aos meus irmãos, pela compreensão e união nos momentos felizes e, principalmente, nas dificuldades.

Aos meus sobrinhos, a quem dedico um carinho especial, por estarem na minha trajetória de vida pessoal e profissional e com quem aprendo lições a cada dia. Dedico a vocês minha dissertação como fruto de meu trabalho para que possam construir um novo olhar sobre a velhice.

A Silvana, minha sobrinha, e Rosana, minha irmã, por terem me confiado o sentido cristão do batismo e ser a segunda mãe para seus filhos Taynara e Gabriel. É com muito orgulho que lhes tenho como afilhados, pois são grandes propulsores de minha luta constante de vida.

Aos meus amigos que, direta ou indiretamente, partilharam esta trajetória de construção e re-construção. Vocês também fazem parte da minha conquista. Meu muito Obrigado.

Meu especial obrigado a Regina Ragazzi, Maria Guiomar de Simone Martines, Daniela Simone Martines, Adelina, Ana Cecília, Claudinha e Marilene Costa.

À Coordenação e ao corpo docente do Programa de Estudos Pós-Graduandos em Gerontologia, pela dedicação e empenho para que os espaços de discussão e conscientização sobre a velhice e o envelhecimento

proporcionem momentos de construção de um novo olhar e de mudança de paradigmas. À Manoela que sempre me atendeu com carinho.

À Universidade de Sorocaba, a coordenadora do curso de Pedagogia – professora Valdelice e a professora Bernadete, pela acolhida e confiança para a realização da minha pesquisa.

De um modo especial, aos alunos do curso de Pedagogia, que voluntariamente e com grande empenho, contribuíram com seu olhar para a realização da pesquisa.

Agra*deço à minha orientadora Vera;* para ela seriam poucas as palavras aqui escritas. É e sempre será meu porto seguro, tanto quanto profissional, como humano. Exemplo cristão, não só na fala, mas na ação. Confesso que a minha c*onquista é, em primeiro lugar,* dela. Superou os limites de um professor acadêmico; soube respeitar o meu tempo e os m*eus limites,* sem se preocupar com o infortúnio. Aprendi que o verdadeiro educador ultrapassa os limites acadêmicos, deixando um pouco de si pelas ações e palavras. Vi passo a passo, nos seus esforços, os sinais para que eu conquistasse mais um sonho e co*ncluísse, finalmente,* o mestrado. Agradeço do fundo do meu coração pela oportunidade que Deus me proporcionou de conviver com uma pessoa como ela. Além do conhecimento, aprendi a ser uma pessoa melhor.

A todos, meu MUITO OBRIGADA!

RESUMO

A investigação das representações de velhice presentes entre futuros educadores – graduandos do último período do curso de Pedagogia – constitui o objetivo central da dissertação aqui apresentada e que se encontra dividida em três capítulos. No primeiro capítulo - “Sociedade Moderna e Velhice” - exploramos a questão da velhice na sociedade moderna. Para tanto, nos apoiamos em autores que, já consagrados, contribuíram para a contextualização do tema. Neste capítulo, recuperamos algumas das concepções e representações relacionadas à velhice, além de explorarmos a influência dos meios de comunicação e da educação, dentre outras, na formação das disposições socialmente estabelecidas sobre o processo de envelhecimento e a velhice. Ainda que de forma sintética, apresentamos, também, algumas políticas públicas voltadas, no Brasil, para a população idosa. No segundo capítulo - “Educação, Velhice e Sociedade” - abordamos algumas das interfaces entre a velhice e a educação; interfaces mediadas pela sociedade e cultura. A importância da educação para a promoção de uma reforma de pensamento (conforme Morin) sobre a velhice e o processo de envelhecimento é o foco central deste capítulo; capítulo construído a partir do diálogo com pensadores, pesquisadores e especialistas em educação. Concluímos na certeza de que a educação formal é uma área privilegiada para a superação e/ou minimização dos estigmas e preconceitos que cercam a velhice, em nossa época e sociedade. O terceiro capítulo foi reservado à pesquisa de campo; ele contempla os objetivos, a abordagem metodológica (qualitativa), os procedimentos utilizados para a coleta de dados e a análise dos mesmos.

Palavras-Chave: gerontologia; educação; sociedade; velhice; envelhecimento.

ABSTRACT

The investigation of the representations of oldness presents almost future educators – graduated the last period Pedagogy Course – constitutes the central objective these thesis presented here and that if it finds divided in THREE CHAPTERS. The First Chapter – MODERN SOCIETY AND OLDNESS – explored the question of the oldness in the modern society. For in such a way, in the support them in authors who, already renowned, they had contributed for the composition this theme. In this part, it recoup some of the conceptions and representations related to the oldness, besides in the direction of to explore the influence of the means communications and the education, among other things, in the formation them disposals socially established on the process of aging and the oldness. Despite of synthetic form, it presents, also, some directed public politics, in Brazil, for the aged population. In the Second Chapter – EDUCATION, OLDNESS AND SOCIETY – it approaches some of the interfaces between the oldness for the education; inter faces mediated for the society and culture. The importance of the education for the promotion of one reform of thought (*Morin-2004)* on oldness and the aging process is the central focus this part; it constructed from dialogue with thinkers, researchers and specialists in education. Concluding, that the exact knowledge in the conventional education is favorable about to the field of study to overcome or/and to belittle the stigmas and prejudices that surround the oldness, at our time and society. The Third Chapter was reserved to the field research; it regards the objectives, the methodological boarding (qualitative), the proceedings make useful for the collection of data and the analysis of same ones.

Key words: Gerontology, education, society, oldness, aging.

SUMÁRIO

Introdução **10**

Capítulo I: Sociedade Moderna e Velhice **15**
1. Envelhecendo nos Dias de Hoje **24**
2. Crenças, Mitos, Preconceitos e Estereótipos sobre a Velhice **27**
3. Políticas Públicas e Velhice no Brasil **32**

Capítulo II: Educação, Velhice e Sociedade **35**
1. A Educação, a Família e o Idoso **45**
2. Os Meios de Comunicação e a Velhice: uma nova pedagogia? **56**

Capítulo III: A Pesquisa de Campo **58**
1. Dos Objetivos **58**
2. Da Opção Metodológica **58**
3. Sobre a Minha Escolha **61**
4. A Coleta dos Dados **61**
   4.1 O Impacto: reações, gestos e expressões **63**
   4.2 O Impacto: a vez do pesquisador **64**
5. Local da Pesquisa e Sujeitos **65**
6. Análise dos Dados **66**
   A. Sabedoria, Experiência e Qualidade de Vida **69**
   B. Fase da Vida, Corpo e Atividade Física **69**
   C. Lazer, Sociabilidade e Projetos de Vida **70**

Palavras Finais **77**

Referências Bibliográficas **82**

Anexos **87**
1. **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** **88**
2. **Pareceres dos Comitês de Ética** **91**
3. **Imagens Utilizadas na Pesquisa de Campo** **96**
4. **Roteiro de Entrevistas** **99**

INTRODUÇÃO

> "*Envelhecer não é seguir um caminho já traçado, mas, pelo contrário, construí-lo permanente*".
> *(Novaes, 1997:24)*

O processo de envelhecimento é inevitável; envelhecemos desde o momento que nascemos. De há muito tempo, mas especialmente na sociedade atual, não são discretos os esforços voltados para retardar o processo de envelhecimento; esforços que envolvem pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento e consideráveis investimentos econômicos.

Em abril de 1993, o pesquisador Michael Rose, da Universidade da Califórnia, em Irvine, buscava alternativas para adiar o envelhecimento[1]. Em seus experimentos o pesquisador selecionou, em laboratório, drasófias (moscas) que viviam mais; procurava descobrir a diferença no material genético responsável pela longevidade, ou seja, os "genes" do envelhecimento.

Segundo o pesquisador:

> *Eu acredito que os genes determinam em muito o nosso padrão de envelhecimento, por isso eu gostava de modificar esses genes para adiar o envelhecimento.*

[1] Artigo 'Vida Eterna' emperra em gene marcado para morrer, publicado no jornal Folha de São Paulo, sexto caderno-edição de 25 de abril de 1993, pp. 5.

E acrescenta:

> *Nossos experimentos indicam que os animais que vivem mais tempo são saudáveis por mais tempo. Eles passam a maior parte da vida saudável. Esta é apenas uma das muitas pesquisas realizadas objetivando a longevidade.*

Os atuais índices demográficos nos fazem olhar com mais cautela para a questão do envelhecimento populacional mundial e nacional. Em 1900, menos de 1% da população mundial tinha 65 anos ou mais de idade. Em 1993, as pessoas com 65 anos ou mais de idade representavam 6,2% da população do planeta.

Diante desses dados considera-se que os idosos[2] constituirão um quinto da população mundial em 2050.

No Brasil, os dados e as projeções demográficas demonstram que entre os anos 1950 e 2025 a população total decrescerá cinco vezes, enquanto a com 60 anos e mais aumentará 15 vezes. Segundo dados da Fundação IBGE (1981), em 25 anos a população idosa poderá ser superior a 34 milhões, fato que deve colocar o Brasil em oitavo lugar no mundo em número de idosos, em comparação com alguns países do Primeiro Mundo.

Desde 1960, o grupo etário de 60 ou mais anos vem apresentando taxas de crescimento progressivamente mais altas; taxas muito superiores às da população total e de jovens.[3]

Uma das peculiaridades do processo de envelhecimento é seu diferencial por gênero. Em todos os países, incluindo o Brasil, observa-se o

---

[2] Por recomendação da Organização das Nações Unidas (ONU), para os países desenvolvidos é idoso todo indivíduo com idade igual ou maior que 65 anos; para os países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, a velhice inicia-se aos 60 anos.
[3] http://www.scielo.br/scielo (22/05/07)

que os demógrafos denominam de “feminização da velhice”, ou seja, a expectativa de vida das mulheres, ao nascer e aos 60 anos (65 para os países desenvolvidos) é significativamente maior que a dos homens.

Berquó se refere à feminização da velhice nos seguintes termos:

> *Desde 1950 às mulheres tem correspondido maior esperança de vida ao nascer, ou seja, lhes tem cabido maior número de anos por viver. Em 1980 enquanto era de 59 anos a esperança de vida para os homens, às mulheres correspondia 65 anos, a chance de viver 6 anos a mais que os homens. Em 1991, esta diferença cresceu para 7 anos. Projeções para 2020 mantém uma diferença em torno de 6 anos. (1996:12)*

A autora observa, também, a tendência, sempre crescente, de os idosos viverem nos espaços urbanos repondo, com isto, uma característica da população como um todo. Assim, em 2000, 82% dos idosos brasileiros viviam em centros urbanos. Outra marca dos idosos brasileiros é a elevada taxa de analfabetismo[4]. De acordo com o último censo (2000), 40% dos homens e 48% das mulheres idosas declararam-se analfabetos. A baixa escolaridade (1 a 3 anos de estudo) e/ou do analfabetismo desdobra-se, especialmente as mulheres, em incontáveis desafios e dificuldades de sobrevivência.

Vivemos uma verdadeira “revolução demográfica[5]”; revolução que coloca, tanto para a sociedade, como para a família, o desafio de problemas relacionados ao envelhecimento populacional. É urgente repensar os paradigmas que presidem o lugar (social e simbólico) dos idosos em nossa sociedade e as políticas públicas e sociais destinadas aos mesmos. Ao aumento da expectativa de vida e do número de anos vividos na condição de

[4] Dados mais recentes, divulgados pelo IBGE, através das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio (PNADs), mostram uma progressiva diminuição no número (absoluto e relativo) de idosos analfabetos.

[5] Expressão utilizada por A Kalache, no *Programa Roda Viva;* TV Cultura; 23/01/2006.

idoso - longevidade - deverão seguir-se novas demandas por serviços e benefícios nos diversos âmbitos da existência humana – social, cultural, econômico, de saúde, de moradia, de transporte etc - e no exercício da cidadania.

A sociedade capitalista cria e divulga, pelos mais diversos veículos, incontáveis meios para colocar o idoso em evidência; no entanto, não o vê como cidadão, como sujeito de direitos que extrapolam o âmbito do voto. Neste modelo de sociedade, a "cidadania" do idoso esgota-se no plano do consumo. Assim, sua cidadania só é assegurada na condição de consumidor; fato que o leva a cair, muitas vezes, nas armadilhas de empréstimos consignados (descontados da aposentadoria), de financiadoras, de empresas de turismo, de programas para idosos criados por pessoas sem qualificação e, não poucas vezes, da própria família.

Frente à revolução demográfica em curso, cabe retomar as palavras do filósofo alemão Frank Schirrmacher: "*a sociedade ainda não está preparada para enfrentar esse choque de gerações, quando os idosos forem a maioria*" (Revista Veja: 18/08/2004:11).

O trabalho aqui apresentado reflete a grande atualidade do assunto e sua relevância para a sociedade brasileira face às profundas implicações centradas em questões que revelam o veloz crescimento da população idosa. Além da relevância do assunto, foi a minha prática profissional que me levou ao tema desta investigação. Minha atuação como professora da rede pública e como observadora de projetos de capacitação/formação de professores, oferecidos pela Rede Estadual de Educação, levou-me à investigação de como o conceito de "velhice" é elaborado por jovens adultos. Por isso, consideramos de extrema relevância levantar, junto a universitários e futuros educadores, suas idéias sobre a velhice.

O tema foi desenvolvido em três capítulos. No primeiro capítulo analisamos, com base no pensamento de especialistas das áreas que se ocupam da questão, como a velhice vem sendo olhada e como está se processando o envelhecimento na sociedade atual, especialmente após o advento do capitalismo e da sociedade de consumo. Neste capítulo incursionamos, também, em alguns dos muitos mitos, crenças e preconceitos que influenciam as atitudes dos membros da sociedade para com os idosos. Abordamos, ainda, alguns aspectos das políticas públicas para idosos, existentes na sociedade brasileira.

No segundo capítulo, discorremos sobre a educação e sua importância para a quebra de paradigmas e para a "reforma do pensamento"[6] sobre o fenômeno do envelhecimento.

O terceiro capítulo foi dedicado à pesquisa de campo; pesquisa realizada em uma Universidade particular, da cidade de Sorocaba. Como poderá ser visto neste capítulo, a seleção dos sujeitos - estudantes universitários, do último ano do curso de pedagogia – foi aleatória. A investigação teve por objetivo central levantar dados sobre o espaço da velhice para os entrevistados; identificar as noções de velhice existentes e que – longe de qualquer tentativa de generalização – podem ser recorrentes, permeando o imaginário da população brasileira mais jovem. Os entrevistados foram convidados a refletir sobre a questão da velhice (de si e do outro). Com isto, nossa expectativa é a de que a investigação feita contribua para a reforma do pensamento e para a transformação das práticas de futuros educadores; dimensões que além, certamente, dos limites deste trabalho.

---

[6] De acordo com Morin, o desenvolvimento até agora foi concebido unicamente de modo técnico-econômico, tornando-se insustentável para a humanidade. Será necessária uma reforma do pensamento, que requer uma reforma de princípio, uma reforma epistemológica que é muito extensa, difícil, e que ainda não começou. Consiste em uma noção mais rica e complexa do desenvolvimento, que não seja somente material, mas também intelectual, afetiva, moral e solidária. (***Notas para um Emílio Contemporâneo.*** In Alfredo Pena-Veja, et alli (orgs.). Edgar Morin: *Ética, Cultura e Educação.* São Paulo: Cortez, 2003: 149-156)

CAPÍTULO I

SOCIEDADE MODERNA E VELHICE

Debruçar-se sobre a velhice significa abraçar a interdisciplinaridade. Isto porque ela – como outras fases da vida - não pode ser entendida como um fato isolado; liga-se a múltiplos fatores que apresentam e estabelecem relações de interdependência.

Desta forma, não devemos reduzir a velhice a um único fator, por exemplo, o biológico. Reduções desta ordem priorizam uma parte e anulam a explicação do todo. O fator biológico está diretamente entrelaçado a muitos outros, ou seja, sempre se é "velho" em algum lugar e em determinado tempo histórico.

Morin e Beauvoir explicam o que acabamos de mencionar quanto à questão do tempo e do espaço, a partir de uma perspectiva existencial:

Para Morin,

> *Um conhecimento só é pertinente na medida em que situe num contexto. A palavra, polissêmica por natureza, adquire seu sentido uma vez inserido no texto. O texto em si adquire seu sentido o contexto. Uma informação só tem sentido numa concepção ou numa teoria. Do mesmo modo, um acontecimento só é inteligível se é possível restituí-lo em suas condições históricas, sociológicas ou outras. (2005:58)*

Em Beauvoir, lemos que

> *A velhice como todas as situações humanas têm uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com*

> *sua própria história. Por outro lado, o homem não vive em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence. (1990:15)*

Assim, para compreender a velhice em sua totalidade temos que levar em consideração não só a condição biológica; cumpre compreendê-la, também, como um fato social e cultural.

> *A cultura das humanidades fundamenta-se na história, na literatura, na filosofia, na poesia e nas artes. Em sua essência, ela transmitia a aptidão para a abertura e para a contextualização. Além disso, favorecia a capacidade de refletir, de meditar sobre o saber e, eventualmente, integrá-lo em sua própria vida para melhor esclarecer sua conduta e o conhecimento em si. (Morin; 2005:59)*

Compreender a velhice no plano cultural leva á analise das representações e comportamentos característicos da dinâmica constante de mudanças no processo cultural. Essas mudanças abrangem significados que se alteram no tempo e no espaço.

Aqui, nossa sociedade é a referência. Ela impõe ao “velho” a exclusão de vários lugares sociais e realça estereótipos negativos, freqüentemente opostos àqueles atribuídos aos jovens.

Beauvoir afirma:

> *A sociedade destina ao velho seu lugar e seu papel levando em conta sua idiossincrasia individual: sua impotência, sua experiência; reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. (1990:16)*

Nossa sociedade reverencia a “imagem” do jovem, enfatizando seus aspectos positivos; e o faz em contraposição à construção cultural do “velho”, associado a um conjunto de aspectos negativos.

Rosemberg observa que

> *O homem só existe enquanto é útil à humanidade. Os que são úteis à sociedade, existem e não envelhecem. Os que criam e erguem obras padrões, construindo padrões, construindo marcos indeléveis, esses existem para sempre, na memória e cultura da humanidade e jamais envelhece. (2002: 81-82)*

Os atributos negativos atribuídos aos velhos são conhecidos por eles próprios; sabem muito bem como, a partir deles, são vistos e classificados. No entanto, como indivíduos, não se aceitam e, nem tampouco se incluem na imagem socialmente construída do que é ser “velho”.

Em termos meramente demográficos, envelhecer significa aumentar o número de anos vividos (Carvalho e Andrade; 2000). Paralelamente à evolução cronológica, coexistem fenômenos de natureza biopsíquicos e socioculturais importantes para a percepção da idade e do envelhecimento.

Nas sociedades ocidentais, é comum associar o envelhecimento com a saída da vida produtiva pela via da aposentadoria. (Veras et all; 2002)

Dependendo das ideologias e dos mecanismos de construção da realidade presentes nas sociedades humanas, a velhice assume certas características próprias. O processo de envelhecimento será sempre marcado pelos padrões socioculturais, no espaço e no tempo, de uma dada sociedade. As representações sobre a velhice, seus significados, são exclusivos em contextos sociais distintos. No decorrer do tempo, as sociedades conceberam e significaram os idosos de diversas formas.

Desde o início da vida humana na terra, o homem sentiu necessidade de viver em agrupamentos visando facilitar a vida e proteger a descendência. Para tanto, era necessário que se organizassem socialmente. A essa organização chamamos de sociedade; esta, ao mesmo tempo em que dá liberdade ao homem, protegendo-o, controla suas atividades por meio de padrões que todos devem seguir e manter.

Não vamos nos alongar sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo nas sociedades humanas, mas somente a título de exemplo, podemos observar que na China, entre os séculos IV e V, à época de Confúcio, quanto mais velho fosse o indivíduo, maior o respeito por ele; já na Grécia antiga, os filósofos tiveram opiniões divergentes quantos aos idosos. Enquanto Aristóteles negava aos idosos qualquer participação política, Platão considerava-os como os melhores líderes da sociedade. Isto porque apenas o velho pertencente às classes dominantes, ou seja, as que detinham o poder econômico e/ou o prestígio político, poderiam ser conselheiros. Quando os romanos conquistavam um novo território, os primeiros a morrer eram os idosos. Na idade média os jovens eram considerados superiores. Na Inglaterra do século XVII, foram criadas leis de proteção aos pobres e aos idosos incapazes. Na revolução burguesa, a velhice dos pobres foi confinada aos asilos[7].

Ao tratarmos a questão da velhice torna-se fundamental considerar como a velhice vem sendo tratada na sociedade dos dias de hoje. Segundo Almeida,

> a *compreensão da relação entre a velhice, o Estado e as políticas públicas, passa, necessariamente, pelo mapeamento das origens, dos fundamentos e das características da sociedade moderna.* (2002: 20)

[7] Asilos no pior sentido, pois eram verdadeiros depósitos de gente.

Para Maclver e Page

> *A sociedade é um sistema de costumes e processos, de autoridade e auxílio mútuo, de muitos agrupamentos e divisões, de controles de comportamento humano e das liberdades. Esse sistema complexo, que está sempre sofrendo modificações, chamamos de sociedade. É a teia das relações sociais. E está sempre mudando. (apud. Fernandes; 2004:18)*

Refletindo sobre a Sociedade Moderna, apreendida como modelo societário, Almeida observa que:

> *...gestado muito antes do século XIX, ganhou, neste século, contornos nítidos e precisos; contornos ainda atuais e que comandam muito de nossa vida e de nossos movimentos pessoais e sociais. (2002: 20)*

Com o advento do capitalismo, os valores centrais das sociedades humanas foram colocados no trabalho e na capacidade de produção. Ao considerar o velho como improdutivo, não apto para o trabalho, esse sistema reforçou o seu desvalor.

Para o capitalismo, o tempo de vida que interessa é aquele que seja útil aos interesses do lucro, da produção e do consumo. O mundo fora do trabalho torna-se opressor e sem sentido. O tempo vivido, as lembranças, a experiência, a memória foram excluídos pela sociedade capitalista, pois não têm utilidade para o lucro, para a produção e o consumo de bens.

Segundo Loureiro para o ser humano, a linha do tempo pressupõe a relação entre vida e morte. Assim "*a velhice é apenas uma fase do 'tempo de vida', diferente, quem sabe a última, mas ainda vida*" (*apud* Stano; 2005: 38).

Stano afirma:

> *No mundo onde o trabalho passou a ser a principal referência do sujeito social, a situação de não trabalho leva a sociedade na qual dominam os valores utilitários a considerar o excluído como incapaz, desnecessário e, a partir da marginalização das atividades tidas como produtivas, considerá-lo como um não-ser, porque desvinculado do espaço que mais legitima os papéis sociais, ou seja, o espaço do trabalho". (2005:57)*

Bauman lembra que na primeira parte da história capitalista, o trabalho - entendido como "... *esforço partilhado e coordenado, destinado à produção de riqueza por meio do esforço humano na reconstrução da natureza...*"(1998:115) - ocupou um lugar central. O indivíduo era valorizado por sua atitude em relação ao trabalho (aplicação, iniciativa, assiduidade), sendo esses os critérios que lhe conferiam valor e dignidade. Era o trabalho que conferia, ao indivíduo, o status de ser social. Por outro lado, o descrédito moral estava ligado à abstenção do trabalho, vista como ociosidade, indolência, preguiça.

Como o trabalho era fundamental na vida do indivíduo, também os conflitos eram gerados no ambiente do trabalho. No início do capitalismo, a opressão dos trabalhadores pelos patrões gerou muita disputa pelo poder. Em um segundo momento, o foco dos conflitos se deslocou e a disputa pelo poder cedeu lugar às batalhas por melhores salários, diminuição da carga horária, segurança no trabalho e aposentadoria, entre outras.

O direito à aposentadoria representou uma das maiores conquistas dos trabalhadores, constituindo-se na recompensa merecida pelos anos dedicados à atividade produtiva. No entanto, ao legitimar o direito do trabalhador à aposentadoria, o sistema capitalista deslegitimou a capacidade para o trabalho, ou seja, oficializou a negação do profissional.

Como ser não mais apto para o trabalho, o velho aposentado "migrou" para as margens do mundo social. Ao perceber-se fora do espaço que lhe conferia o papel de ser produtivo passou a sentir-se um "não-ser", um não sujeito.

Quando as ambições dos trabalhadores se voltaram para a melhoria de seus padrões de vida, especialmente os materiais, as atenções centraram-se na capacidade de consumo, Substituto das frustradas lutas de poder, o consumo aparece como a "recompensa" pela opressão do trabalho.

Vivemos em um sistema voltado para o consumo; nele, os trabalhadores buscam mais e mais as condições necessárias para uma vida privilegiada fora do ambiente do trabalho, ou seja, no mercado de consumo.

Nesse sistema, um indivíduo que gosta de consumir é uma necessidade e, para o consumidor, gastar é quase um dever. Há uma pressão para consumir que não é sentida como opressão, já que a rendição ao consumo só promete felicidade e alegria representada pela boa comida e bebida, por carros de luxo, casas bonitas e confortáveis (Bauman;1989).

Para Bauman,

> *Numa sociedade de consumo, pobreza significa incapacidade social e política, causada primeiramente pela inaptidão para desempenhar o papel de consumidor e depois confirmada, legalmente corroborada e burocraticamente institucionalizada [...]uma pessoa pobre é alguém que não pode tomar parte no comportamento social reconhecido com próprio de um membro "normal" da sociedade*. (1989; p. 136)

Na sociedade atual, o velho aposentado e pobre enfrenta no mínimo dois problemas: a exclusão dos meios de produção e trabalho e a exclusão do universo do consumo.

Não podemos esquecer que, especialmente no Brasil, as diferenças sociais acompanham o indivíduo até a velhice. Como há idosos em todas as camadas sociais, há diferentes formas de viver a velhice e de ser velho. O indivíduo que foi bem sucedido no mercado de trabalho por ter tido acesso à educação e a melhores oportunidades, que conseguiu construir um patrimônio sólido e aposentou-se com melhores proventos, é visto como um importante filão no mercado de consumo. Ele é um idoso-consumidor e, portanto, continua a fazer parte do mundo social. A esse consumidor, que não pode ser chamado de velho e para quem foram criadas expressões como Terceira Idade e Melhor Idade, entre outras, o mercado oferece um amplo leque de bens e produtos: cirurgias plásticas, academias, cosméticos, remédios e vitaminas milagrosas, roupas "rejuvenescedoras". Isto tudo para que se sintam "eternamente jovens". Há até clínicas de repouso sofisticadas e caríssimas para quando o convívio social já não for mais possível.

Os velhos mais ricos podem custear planos de saúde particulares, remédios de uso contínuo e terem velhices saudáveis e confortáveis, dispondo de tudo que o dinheiro pode comprar. Aos mais pobres restam os equipamentos, serviços e remédios disponíveis na rede de saúde pública e, por final, os asilos.

Nem mesmo os idosos que recebem aposentadorias míseras – e são a maioria - escapam das armadilhas do mercado de consumo; mercado que os leva a consumir mais do que recebem e a comprometer seus parcos rendimentos em empréstimos contratados em instituições financeiras, com desconto direto nas folhas de pagamento.

É este o panorama mais geral da velhice na sociedade brasileira; panorama que se mostra sobre determinado nos casos de velhices muito mais sofridas e penosas dos velhos totalmente carentes, tanto na zona urbana quanto na rural.

Vale lembrar que essa situação de carência não é “privilégio” da velhice, mas se estende a todos os excluídos, de qualquer idade, que vivem em uma sociedade voltada para o consumo.

Haddad afirma:

> *Afinal quem vive mais em um país onde a vida, bem se sabe, torna-se quase impossível para crescentes camadas da população? Ou quem morre mais cedo? Entretanto, é um fato que o país possui, ano a ano, mais idosos. É um fato também, que há idosos nas diferentes camadas, segmentos ou classes sociais, e que todos vivem a velhice de forma diferente. Em outras palavras, o fim da vida é um fenômeno que evidencia a reprodução e ampliação das desigualdades sociais.* (2001: 9)

No modelo de sociedade em que vivemos, o que vemos, no entanto, é que as crenças e significados sobre a velhice parecem não se dar conta dos diferentes tipos de velhice existentes, tornando homogêneas as representações sobre ela.

Como lembra Haddad,

> *Por isso a característica fundamental da ideologia da velhice repousa em sua a-historiciedade, em ocultar e desconhecer os diferentes modos de viver, sofrer e suportar a velhice. Enfim, a ideologia da velhice pretende uniformizar as representações sobre a velhice*. (2001:12)

Assim, na sociedade brasileira atual, que se caracteriza, como se sabe, por ser uma sociedade com profundas desigualdades sociais, a velhice vem sendo olhada como um fato inexorável; independentemente do modo pelo qual o sistema capitalista explora a força de trabalho, ele condena o aposentado pobre à depreciação social, além de produzir velhices carentes e marginalizadas.

Lopes insiste nas

> *Tentativas de homogeneização das representações da velhice são acionadas ante a demanda do setor de consumo, de lazer, de especialistas da saúde: a velhice passa a ser uma categoria única, necessária para fins de atendimento, deixando-se de levar em conta as diferenças.* (2000: 27)

Nas sociedades onde o foco principal é a produtividade, o envelhecimento é visto como um fator de diminuição do indivíduo, pois sua produção e consumo decrescem. O idoso passa a ser considerado inútil para o mundo que ajudou a construir. Isso acontece porque a velhice é considerada, tradicionalmente, como o fim da vida produtiva. A sociedade moderna é incapaz de garantir papéis sociais para idosos ativos e saudáveis desempenharem ou para terem acesso a oportunidades disponíveis aos mais jovens.

1. Envelhecendo nos Dias de Hoje

Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, velhice é o prolongamento e término de um processo constituído de um conjunto de modificações fisiológicas e psicológicas, em decorrência da ação do tempo sobre as pessoas[8].

[8] http://www.saudeemovimento.com.br (29/05/07)

Quando falamos de velhice devemos ter em mente que ela, como a vida, não é igual para todos; que ela depende das condições físicas, psicológicas e sociais de cada indivíduo. Condição sócio-econômica, cultural, hábitos, genética, desgaste físico, doenças devem ser levados em consideração.

Nos dias de hoje todos almejam envelhecer de forma saudável; procuram prolongar a vida e adiar a morte. No entanto, os estudiosos da questão - cientistas, filósofos, antropólogos, psicólogos, sociólogos etc - ainda não encontraram a “receita”, a “fórmula mágica”! Ainda não se aperceberam que a velhice tem uma dimensão sociocultural, com diferentes significados e interpretações. A degeneração e a morte são fatos muito perturbadores para todos os indivíduos.

A partir da década dos anos 60, do século recém terminado, os estudos psicológicos trouxeram significativas mudanças na forma de se encarar o processo de envelhecimento ao identificarem que tanto o crescimento como o envelhecimento são processos adaptativos, presentes ao logo da vida do indivíduo, permeados de ganhos e perdas. As etapas da vida são vividas de formas diversas, dependendo do contexto sociocultural e do tempo em que se processam.

Todos sabem que só não envelhece quem morre antes.O fato de sabermos que todos iremos morrer torna-se mais presente no pensamento do indivíduo na medida em que ele envelhece levando-o, muitas vezes, a crises existenciais e alto grau de insatisfação. Quando a angústia existencial surge, acentua-se a possibilidade de o idoso ficar deprimido. As coisas que dão sentido à vida - como a educação, o trabalho e as realizações - diminuem com a aposentadoria, com o afastamento das atividades sociais e profissionais. As atividades familiares também diminuem; os filhos cresceram e constituíram suas próprias famílias. O idoso já não é solicitado

tanto nos cuidados com a família. Tudo isso contribui para o idoso sentir-se isolado e deprimido.

Nesta fase da vida, a auto-estima está sempre ameaçada, seja pela situação de isolamento e abandono, seja pelo declínio físico e psíquico que provocam limitações naturais no corpo e na mente. O idoso percebe que seu vigor físico e sua agilidade mental já não são mais os mesmos. Além disso, a velhice relaciona-se intimamente com a morte e a percepção do fim. Essa percepção da finitude – exclusiva do ser humano - pode gerar a desesperança, favorecendo o aparecimento de pensamentos depressivos.

Birman afirma:

> *O resgate da importância do saber acumulado possibilita ao indivíduo a evocação da memória ancestral, reconstituindo sua possibilidade de reinserção simbólica, retirando-o do confronto com a morte*.(*apud* Lopes; 2000: 25)

A representação social da velhice e as características negativas do processo de envelhecimento são reforçadas pelos meios de comunicação. Isso é próprio das sociedades que valorizam a eficiência, a produtividade, a juventude, a beleza, a força, a saúde. O modelo apresentado ao público é o da perfeição, impossível de ser alcançado por pessoas comuns, de todas as idades e, mais especificamente, de idosos. Na atualidade, impera o culto ao corpo, a valorização da beleza física e da juventude. Quando o indivíduo percebe o próprio envelhecimento, sua reação é de negação. Em um modelo de sociedade em que envelhecer é um fato negativo, a negação da velhice é inevitável. O próprio modelo de velhice feliz, vendido pelos meios de comunicação, é aquele em que a pessoa parece mais jovem, levando muitos idosos a não se aceitarem, continuando a viver da juventude que possuíram no passado e tentando parecer mais jovens, tornando-os, muitas vezes, uma paródia de si mesmos; ridículos e de comportamentos inadequados.

2. Crenças, Mitos, Preconceitos e Estereótipos sobre a Velhice

De forma quase imperceptível e passando de geração para geração, ao longo do tempo, a sociedade constrói crenças, mitos, preconceitos e estereótipos, levando em conta determinados valores culturais sobre várias questões, dentre elas, a velhice.

A visão que nossa sociedade tem da velhice é bastante influenciada por noções (positivas e negativas) e por estereótipos atribuídos à velhice; noções e estereótipos que são reforçados pelos meios de comunicação. As crenças e generalizações presentes na sociedade dos nossos dias contribuem para representações da velhice relacionadas a limitações, dificuldades, doenças e incapacidades.

As representações negativas da velhice invadem o imaginário dos indivíduos, levando-os a acreditar que a velhice é uma condição insuportável e deprimente, tanto para quem envelheceu, quanto para os que devem cuidar dos velhos.

As novas concepções positivas da velhice ainda convivem com imagens negativas e socialmente construídas; isto tem levado muitos indivíduos a, cada vez mais cedo e antes mesmo do declínio físico, deixarem os papéis e lugares sociais que ocuparam por muito tempo.

Em comemoração ao Ano Internacional do Idoso (1999), a Organização das Nações Unidas – ONU, distribuiu uma publicação para todos os países-membros, na qual foram reunidos e discutidos cinco mitos em relação à velhice. Vejamos cada um deles, com os comentários de Neri:

- **Primeiro Mito**: "*a maioria dos idosos vive nos países desenvolvidos*". O mito é falso, pois dos 580 milhões de idosos no mundo, 355 vivem em países em desenvolvimento.

> *A expectativa de vida vem aumentando na maioria desses países em virtude do acentuado declínio na mortalidade prematura por infecções e doenças crônicas e pela melhoria nas condições sanitárias, habitacionais, nutricionais, médicas, de vacinação e de controle das infecções. Ela é acompanhada pelo declínio nas taxas de fertilidade, por causa da disseminação dos métodos contraceptivos.* (Neri, 2005: 146)

- **Segundo Mito**: "*os idosos são todos iguais*".O mito é falso:

> *A heterogeneidade tende a aumentar com a idade, por causa da diversidade de estilos de vida, oportunidades educacionais, situação econômica, expectativas e papéis sociais e fatores de personalidade, cujos efeitos são interativos e sobrepostos às influências genéticas. (*Neri, 2005:146)

- **Terceiro Mito**: "*os homens e as mulheres envelhecem do mesmo jeito*". Outro falso mito:

> *A velhice é um fenômeno preponderantemente feminino. A expectativa de vida das mulheres nos países menos desenvolvidos é de 50 anos e nos desenvolvidos é de 80 anos, mas, em ambos, elas vivem mais que os homens.* (Neri, 2005: 147)

- **Quarto Mito**: "*os idosos não têm nada a oferecer à sociedade*". Mais um mito falso:

> *Esse mito está ligado à associação equivocada entre produtividade e emprego formal. Porém, a produtividade manifesta-se também em trabalhos não pagos, mas de indiscutível valor econômico, como, por exemplo, cuidar de crianças pequenas, de doentes e de idosos; fazer trabalhos voluntários; dedicar-se à agricultura; tomar conta da casa e ocupar-se no mercado de trabalho informal*. (Neri, 2005: 147)

- **Quinto Mito**: "*os idosos representam um peso para a sociedade*". Este mito também é falso:

> *Em todo o mundo, os mais velhos comumente continuam trabalhando até a idade avançada, senão a vida toda, como é o caso dos agricultores. Em atividades informais, são encontradas muitas pessoas mais velhas que nunca foram formalmente empregadas porque não tiveram oportunidades educacionais para tanto, ou que então foram desempregadas precocemente. No Brasil, a renda mensal vitalícia ou mesmo baixas aposentadorias muitas vezes são a única renda assegurada de uma família de muitos membros, incluindo crianças. É interessante notar que aumenta no Brasil o número de famílias chefiadas por pessoas acima de 50 anos.* (Neri, 2005:147)

Além dos mitos negativos, acima mencionados, temos outros positivos, como "*a sabedoria é própria da velhice"*, ou ainda, "*a velhice é a melhor fase da vida*".

Os idosos têm grande capacidade de lembrar-se, em detalhes, de certos fatos; de aconselhar os mais jovens; de oferecer soluções; de fazer análises éticas e morais, baseados em sua experiência de vida. Por esses motivos, as pessoas são levadas a crer que todo idoso é sábio. Não existe

nenhuma comprovação científica disso. Ser idoso não significa ser naturalmente sábio. O idoso possui conhecimento acumulado e experiência de vida que podem ser confundidas com sabedoria. Erikson (1998, *apud* Neri, 2005: 182), cita a sabedoria como virtude que emerge na velhice. Para que um idoso seja sábio é necessário que ele tenha tido toda uma vida rica de experiências, de motivação e de oportunidades educacionais e culturais. De qualquer forma, idosos que acumularam conhecimentos são importantes para a sociedade; são depositários de sua cultura.

Outro mito bem presente na sociedade é de que os idosos são sempre doentes. A crença de que velhice é sinal de doença associa as enfermidades apenas à idade cronológica, desconsiderando as condições socioeconômicas, os fatores biológicos e fisiológicos, o meio ambiente e a genética que influenciam a saúde das pessoas em geral, não apenas dos idosos. No entanto, não se pode negar que a velhice, mesmo não podendo ser considerada como sinônimo de doença, predispõe o indivíduo a vários comprometimentos físicos e/ou cognitivos. Na velhice, o indivíduo tem maiores chances de adoecer.

As pessoas costumam dizer que a velhice é a melhor fase da vida, assim como outros acham que a melhor fase é a infância. Tanto uma quanto outra são apenas fases da vida, nem melhores nem piores que as outras fases. Em todas as fases da vida temos alegrias, angústias, medos, preocupações, ganhos e perdas. Ao considerar a velhice como a “melhor idade” a sociedade parece estar querendo consolar o idoso, pois, nesta etapa da vida é ele que tem maiores possibilidades de perdas ou é quando estas são maiores que os ganhos. Não existe melhor nem pior idade; existe a vida e como ela é vivida.

Lopes observa que:

> *A tendência contemporânea de tratar a idade avançada como um momento privilegiado*

> *para a busca do prazer, satisfação e realização pessoal abre espaço para experiências de envelhecimento bem sucedidas, vividas coletivamente.* (2000: 28)

Programas para a Terceira Idade, com diferentes perfis socioeconômicos, possibilitam uma velhice positiva; contudo, note-se que nestes programas a participação masculina é apenas de 20%. Por outro lado, os idosos que os freqüentam possuem independência funcional, indicando que existem limites para seus usuários.

Dentre os estereótipos construídos sobre a velhice encontramos o que afirma ser possível manter-se "jovem para sempre" se forem atendidos alguns requisitos como boa alimentação, exercícios físicos e outros tantos. Existem no mercado vários serviços que orientam aqueles que não querem sentir-se velhos e para os que precisam de motivação para se enquadrar no estereótipo da vitalidade. Essa perspectiva da sociedade em relação ao idoso parece querer ocultar a velhice miserável e dependente que não dispõe de recursos materiais e idiossincráticos para tanto.

Os problemas da velhice têm sido atribuídos, com freqüência, às perdas orgânicas, ocasionando uma espécie de horror à velhice; horror passível da ação da medicina preventiva, que poderá adiar indefinidamente a vitalidade. Isto tem levado à irracionalidade de pessoas se preocuparem antes de chegar à meia-idade, havendo até movimentos para que o tratamento geriátrico inicie-se ao 25 anos de idade. A mídia colabora com isto ao citar pessoas públicas e artistas que começaram esse tratamento precocemente (Lopes, 2000).

O exagero do conceito de "velhice bem sucedida"[9] parece responsabilizar o indivíduo pela qualidade do seu envelhecimento, como se

[9] Velhice bem sucedida foi um termo proposto por Havighurst em 1958; que passou a ser empregado em Gerontologia desde os anos 60, significando que a velhice e o

todas as doenças fossem causadas por ele apenas como resultado de abusos corporais, alimentares, fumo, álcool e falta de exercícios físicos.

Segundo Lopes,

> *Um novo mito é criado: a possibilidade do retardamento infinito das perdas orgânicas intrínsecas ao processo de envelhecimento. As limitações individuais e as restrições sociais ficam obscurecidas. O velho 'se quiser' pode fazer 'tudo', pode até interferir sobre suas alterações orgânicas, se seguir as prescrições medicamentosas e as orientações para uma melhor qualidade de vida*. (2000: 30)

Importante frisar que a categoria geNerica e positiva de idoso não deve esconder o idoso carente e doente; pois, se de um lado, a perspectiva da miséria foi a mola propulsora para transformar o idoso em ator público, de outro lado, as diferenças sociais dos idosos no país dificultam as ações que podem beneficiar os mais fragilizados (Lopes, 2000)

3. Políticas Públicas e Velhice no Brasil

Foi apenas a partir dos anos 90 (século XX) que o aumento da população idosa passou a preocupar o governo brasileiro. Assim, em 04 de janeiro de 1994 foi promulgada a Política Nacional do Idoso (Lei 8.842); ela representou um marco em nossa sociedade, pois considerou a velhice como uma questão pertinente a toda sociedade. A PNI reconheceu o idoso como uma pessoa em desenvolvimento e, portanto, como sujeito de direitos e deveres, assegurando seus direitos e criando condições para a sua autonomia, integração e participação efetivas na sociedade. A regulamentação da PNI ocorreu em 03 de junho de 1996, pelo Decreto

---

envelhecimento não são sinônimos de doença, inatividade e contração geral do desenvolvimento. Não existe uma definição única para o termo.

1.948, direcionando a implantação da mesma e estabelecendo a competência dos órgãos e entidades públicas responsáveis pelo processo.

Mais abrangente que a PNI, foi sancionado em 01 de outubro de 2003, o Estatuto do Idoso (Lei 10.741)[10], que garantiu e ampliou os direitos dos brasileiros com 60 anos e mais. Além de considerar o idoso como prioridade, o Estatuto instituiu penas a quem desrespeitar ou abandonar idosos. A fiscalização e o controle da aplicação do Estatuto são de competência dos Conselhos de Idosos das três esferas de poder (Municipal, Estadual e Federal) e do Ministério Público.

Entre outras coisas, o Estatuto garante:

- Distribuição gratuita de remédios, próteses e órteses.
- Que os planos de saúde não possam reajustar suas mensalidades usando o critério da idade.
- Direito de transporte coletivo público gratuito com reserva de 10% dos assentos.
- Reserva de duas vagas gratuitas no transporte coletivo público interestadual para idosos com renda igual ou inferior a dois salários mínimos.
- Que nenhum idoso seja objeto de negligência, discriminação, violência ou opressão.
- Prioridade na tramitação de processos, procedimentos e na execução de atos e diligências judiciais.
- Desconto de 50% nas atividades de cultura, lazer e esporte.
- Reserva de 3% de residências em programas habitacionais públicos.

Composto de 118 artigos e sete títulos, o Estatuto do Idoso, no **Título I** – Disposições Preliminares – define quem é o idoso (pessoas com 60 anos

[10] O Estatuto do Idoso entrou em vigor em 01 de Janeiro de 2004.

e mais) e estabelece a prioridade de seus direitos civis e as competências para seu atendimento. O **Título II** refere-se aos Direitos Fundamentais, ampliando-os, visto que todo cidadão brasileiro tem seus direitos fundamentais garantidos pela Constituição Federal em seu art. 5º. No **Título III**, são definidas as medidas protetoras, o quando e por quem devem ser aplicadas. O **Título IV** trata da política de atendimento ao idoso, determinando a co-responsabilidade do poder público e da sociedade civil e regulando o atendimento das entidades municipais, estaduais e federais, por meio de normas e sanções. No **Título V** é tratado o acesso à Justiça, reafirmando-se a prioridade dos idosos e as competências do Ministério Público para seu atendimento. O **Título V** tipifica os crimes contra os idosos, classificando-os como de ação pública incondicionada, estabelecendo sanções para cada um deles. Nas **Disposições Finais e Transitórias** – **Título VI -** o Estatuto descreve inclusões no Código Penal que dizem respeito aos idosos; estabelece as fontes de recursos públicos para atendimento dos programas e ações destinados aos idosos; prescreve a inclusão de dados sobre os idosos nos censos demográficos do país; condiciona a concessão do Benefício de Prestação Continuada[11] previsto na LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social), ao nível de desenvolvimento socioeconômico do país. (Borges *apud* Neri, 2005: 160-162)

[11] Direito a auxílio vitalício concedido pela Previdência Social (INSS) ao idoso que comprovar não ter nenhuma outra fonte de renda.

CAPÍTULO II
EDUCAÇÃO, VELHICE E SOCIEDADE

"O senhor... mire e veja, o mais importante e bonito do mundo é isto, que as pessoas não estão sempre iguais; não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra, montão".

(Guimarães Rosa)

O envelhecimento populacional é, hoje, uma realidade mundial. Enquanto nos países desenvolvidos o envelhecimento da população ocorreu de forma mais lenta e progressiva, nos países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, ele é recente, datando das últimas três décadas do século recém terminado. Apesar dessa diferença, o envelhecimento e a velhice são objetos de preocupação; pode-se afirmar que, salvo raras exceções, pegou o mundo de surpresa e despreparado. Isto nos remete, desde logo, à importância de apontar caminhos que conduzam a ações e projetos eficazes não só para os idosos de hoje, como para os que virão a sê-lo em um futuro mais ou menos próximo. No entanto, o fato é que tanto a sociedade, como os próprios idosos encontram-se na situação de desenhar caminhos novos ao mesmo tempo em que os idosos são cada vez mais numerosos.

É necessário, antes de tudo, que haja uma mudança que consiga alterar a visão que a sociedade tem sobre a velhice. Impõe-se uma reforma

do pensamento; reforma do pensamento que deverá ter um caráter amplo e que abranja todas as instituições e segmentos sociais: a família, a escola, a *mídia*, o governo.

Preparar os mais jovens para o envelhecimento e a velhice constitui, sem dúvida, uma tarefa das mais importantes para a mudança dos paradigmas negativos e socialmente estabelecidos; afinal, todos almejam viver muitos anos e bem.

Fogaça, na investigação feita sobre o pensamento de Jean Jacques Rousseau, afirma:

> *...Se durante sua infância, ela viu sem espanto, sapos, serpentes, lagostins, ela verá sem horror, estando adulta, qualquer animal que seja. Não há mais objetos assustadores, para quem os vê todo dia.* (2001: 23)

A velhice não assustará mais ninguém se for conhecida apreendida como um fato natural da vida; como fase que envolve como todas as outras ganho e perdas; enfim, como condição que não tem data e hora certa para se instalar, ocorrendo de forma lenta e gradual.

Não é nossa pretensão discutir como a escola pode contribuir para a mudança de referenciais sobre a velhice. Mas verificamos a necessidade de que algo seja feito, pois não podemos negar o papel da escola na transmissão de conhecimentos e, fundamentalmente, de valores e atitudes.

Coelho lembra:

> *Apesar de toda a crítica que podemos endereçar à escola, não se trata de destruí-la, nem de subestimar ou negar por completo seu poder e influência. Numa*

> *sociedade de classe, ela é elitista, reprodutora da divisão social, inculcadora da visão de mundo da classe dominante e, conseqüentemente mantenedora da atual estrutura de poder. Entretanto, não podemos dispensar a sua contribuição como instrumento de participação cultural e sócio-política. (in Brandão; org., 1984: 42)*

Investigar, no meio universitário, as noções de velhice presentes, permite repensar a questão da importância do desenvolvimento de um projeto político-pedagógico centrado e alicerçado nos princípios da interdisciplinaridade. Esta contemplará - individual e coletivamente - a responsabilidade dos "agentes transformadores" na construção de um novo olhar sobre velhice/envelhecimento. O novo olhar está diretamente relacionado ao repensar novas práticas efetivas que, por meio de suas ações, conduzam aqueles que se encontram em processo de formação a construírem uma nova postura frente à velhice e ao envelhecimento. Entendemos, portanto, que a escola poderá contribuir, e muito, com uma reforma ampla do pensamento. Para que isto se efetive, o sistema de educação formal terá que ser amplamente revisto.

Jacques Delors iniciou, em março de 1993, um relatório que, concluído em setembro de 1996, foi apresentado a UNESCO, na Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. Nele destacam-se os quatros pilares básicos essenciais para um novo conceito de educação; pilares fundamentais e que, ao longo de toda a vida, constituirão as bases do conhecimento. São eles:

> *1-* **Aprender a Conhecer**, *combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.*

Considerando a educação como meio de transformação social e de conscientização, entendemos que, por meio das escolas e dos educadores, o processo de envelhecimento deve ser visto como uma conquista mundial.

> *2-* **Aprender a fazer**, *a fim de adquirir não somente uma qualificação profissional, mas de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.*

A educação pode formar indivíduos que trabalhem de forma multidisciplinar em torno do processo de envelhecimento. As competências podem ser desenvolvidas no todo e não somente nas partes.

Pascal (*apud* Morin; 2005:65), já havia dito que todas as coisas estavam ligadas umas as outras. Para Pascal, de acordo com Morin, era impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, do mesmo modo que conhecer o todo sem conhecer as partes.

> *3-* **Aprender a viver juntos**, *desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências - realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos - respeito aos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.*

O processo de envelhecimento deve ser compreendido em sua totalidade, ou seja, o envelhecimento é um processo complexo e multifacetado.

> *4-* **Aprender a Ser**, *para desenvolver potencialidades e estar à altura de agir com capacidade cada vez maior de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não*

> *negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.*

Em 1998, as Edições *Unesco Brasil* publicou o relatório *Educação: Um Tesouro a Descobrir. Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI*, coordenado por Jacques Delors. Esse documento foi acolhido com entusiasmo pelos educadores do Brasil, passando a integrar os eixos norteadores da política educacional brasileira. As teses propostas no relatório deveriam nortear as políticas educacionais de todos os países, pois há uma trans-relação que liga os quatro pilares do novo sistema de educação e que tem origem na própria constituição do ser humano, visto em sua totalidade e não de forma fragmentada.

Também por solicitação da Unesco, Morin apresentou suas propostas para a educação do futuro, aprofundando a visão transdisciplinar da educação. As propostas do autor encontram-se reunidas na obra *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro,* organizada em sete capítulos. Apresento-os, de forma resumida, a seguir:

> ***Capítulo I-As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão.*** *Sendo o objetivo da educação a transmissão de conhecimentos, ela pode ficar alheia ao que é conhecimento humano. É necessário desenvolver na educação o estudo das características cerebrais, mentais e culturais dos conhecimentos humanos, de seus processos e modalidades, das disposições tanto psíquicas quanto culturais que os conduzem ao erro ou à ilusão. (Morin; 2001: 14).*
>
> ***Capítulo II-Os princípios do conhecimento pertinente.*** *É necessário desenvolver a aptidão natural do espírito humano para situar todas essas informações em um contexto e um conjunto. É preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as*

influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo. (Morin; 2001: 14)

Capítulo III-Ensinar a condição humana. *O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. É possível, com base nas disciplinas atuais, reconhecer a unidade e a complexidade humana, reunindo e organizando conhecimentos dispersos nas ciências da natureza, nas ciências humanas, na literatura e na filosofia. (Morin; 2001: 15)*

Capítulo IV-Ensinar a identidade terrena. *Até agora, o destino planetário do gênero humano é uma realidade-chave ignorada pela educação. É necessário ensinar a história da era planetária, que iniciou-se com a comunicação entre todos os continentes no Séc. XVI, mostrando como as partes do mundo se tornaram solidárias, sem, no entanto, ocultar a opressão e a dominação que devastaram a humanidade e que ainda não desapareceram. (Morin; 2001: 15)*

Capítulo V-Enfrentar as incertezas. *Através das ciências adquirimos muitas certezas, mas ao longo do Séc. XX, inúmeras incertezas também nos foram reveladas pelas ciências. É preciso que aqueles que se ocupam da educação sejam a vanguarda ante as incertezas do nosso tempo, preparando as mentes para esperar o inesperado. (Morin; 2001: 16)*

Capítulo VI-Ensinar a compreensão. *A compreensão é o meio e o fim da comunicação humana O mundo necessita da compreensão mútua. Entretanto, a educação para a compreensão está ausente no ensino. Este ensino é necessário porque colocaria em foco não os sintomas, mas as causas do racismo, da xenofobia, do desprezo. Seria uma das bases de uma educação para a paz. (Morin; 2001: 17)*

Morin afirma que o mundo necessita, em todos os sentidos, da compreensão mútua. A compreensão mútua é vital para que as relações humanas "*saiam de seu estado bárbaro de incompreensão*" (2001: 17). Daí a necessidade de se estudar as intolerâncias, os estigmas e as

incompreensões: suas raízes, suas modalidades e seus efeitos. Dentre os obstáculos à compreensão, Morin especifica:

> *Existe a incompreensão dos Valores imperativos, propagados no seio de outra cultura, como o são nas sociedades tradicionais o respeito aos idosos, a obediência incondicional das crianças, a crença religiosa ou, ao contrário, em nossas sociedades democráticas contemporâneas, o culto ao indivíduo e o respeito às liberdades.*(Morin; 2001: 96)

> **Capítulo VII- A ética do gênero humano.** A educação deve contribuir não somente para a tomada de consciência de nossa Terra-Pátria, mas também permitir que essa consciência se traduza em vontade de realizar a cidadania terrena. (Morin; 2001: 17-18)

Os sete saberes são caminhos que abrem uma nova perspectiva a todos os que pensam e fazem a educação. Morin não trata das disciplinas que são ou deveriam ser ensinadas; o que faz é expor os problemas centrais e fundamentais que foram esquecidos pelos educadores até agora; problemas centrais no mundo em que vivemos.

Nosso sistema educacional nos “ensinou” a isolar os objetos, a separar os problemas, a analisar; não nos ensinou a “unir”! O ensino deve ser pensado considerando-se os efeitos, cada vez mais graves; a partir da hiper-especialização dos saberes e da incapacidade da articulação de uns com os outros. A hiper-especialização impede que enxerguemos o global. A educação deve ser capaz de fornecer a concepção do global e do essencial, bem como a formação de uma ética voltada para a responsabilidade (Morin, 2003: 149-150).

Delors (1996) entende a educação como uma experiência que se desenvolve desde a infância até a velhice. Sob essa ótica, a educação é permanente; é uma construção contínua de conhecimentos e de aptidões.

Na 2ª Conferência de Educação de Adultos, realizada em 1960, no Canadá, o termo “educação permanente“, foi usado pela primeira vez, apontando-se as diferenças entre esse conceito e o de “educação continuada”.

Remetendo-se a Giubilei, Mônica de Ávila Todaro (apud. Neri; 2005: 64), afirma que, num sentido amplo, educação permanente é sinônimo de atualização cultural e de socialização; significados que correspondem à idéia de que o ser humano é “programado” pela cultura e se desenvolve em sociedade. Esse termo também é entendido como educação de adultos, ou seja, como um conjunto de atividades que tem o objetivo de capacitar o indivíduo após o período escolar e o princípio pedagógico de que o processo educativo é contínuo e que ocorre ao longo da vida dos indivíduos.

A educação continuada refere-se ao prolongamento do sistema escolar ao longo da vida, de acordo com os requisitos da sociedade. Assim, considera-se educação continuada os cursos de línguas, pós-graduação, especialização, e outros, necessários à formação e atualização do profissional.

Na educação permanente não existe separação entre o preparo escolar, a preparação para a vida e o tempo do exercício da profissão: a vida inteira do indivíduo é um processo educativo, um processo de desenvolvimento, por meio das experiências vividas. Podemos assim entender, que a educação permanente abrange a educação continuada.

A educação permanente, como uma construção contínua de conhecimentos e aptidões, permite ao indivíduo tornar-se consciente de si próprio e do seu ambiente. Busca desenvolver o discernimento e os mecanismos necessários para desempenhar seu papel social; assim concebida, ela é vital para os idosos, porquanto lhes permite desenvolver-se

como pessoa de modo mais livre e autêntico, em seu processo de desenvolvimento.

Na gerontologia, tanto a educação continuada quanto a permanente são importantes. À primeira vista, a formação de profissionais de diferentes áreas na aquisição de informações e habilidades para lidar com a velhice nos diversos contextos (educacional, social, legal e o da saúde). Já a educação permanente está presente no envolvimento dos idosos com a ampliação de informações, o aprendizado de línguas e de informática, a atualização e o aprimoramento cultural (cinema, teatro, turismo, artes), a valorização social (convívio com os iguais e os mais jovens) e o desenvolvimento da cidadania. Se a educação é vista como integrante do desenvolvimento total da pessoa, e que abrange a escola, esta deveria contemplar, em sua grade curricular, tópicos específicos sobre o processo de envelhecimento, objetivando não negligenciar as potencialidades de cada indivíduo.

À educação cabe fornecer os "mapas" de um mundo complexo e constantemente mutável; ela é a bússola que permite navegar através do mundo.

Como afirma Morin,

> *A necessidade de uma reforma de pensamento é muitíssimo importante para indicar que hoje o problema da educação e da pesquisa encontra-se reduzidos a termos meramente quantitativos.* (2005:75)

Para Morin, *o pensamento sistêmico* é um dos elementos necessários para uma reforma do pensamento. O *pensamento sistêmico* é um pensamento-chave. Fundamenta-se no conhecimento do sentido complexo da palavra *sistema*. Um sistema não é só constituído pelas partes. O todo é mais que a soma das partes. Algumas qualidades ou propriedades das

partes são freqüentemente inibidas pelo todo. O pensamento sistêmico, ou pensamento do complexo, opõe-se ao pensamento simplificante. (2003: 151)

A reforma do pensamento só será efetivada se houver disposição dos espíritos e mentes transmissoras dos conhecimentos, incentivados a realizar reformas sucessivas no ensino.

Para Paulo Freire,

> *O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância da sua tarefa político-pedagógica.* (2005:75)

Edgar Morin adverte:

> *Será preciso muito tempo, debates, combates, esforços para dar forma à revolução que começa a se efetivar aqui e ali na desordem. Poder-se-ia acreditar que não há nenhuma relação entre este problema e a política de um governo. O desafio da complexidade do mundo contemporâneo constitui um problema-chave do pensamento e da ação-política.* (2005:76)

Morin (2005) aborda a questão do pensamento e da ação política. Paulo Freire (2001) destaca a importância da tarefa político-pedagógica. Mas ambos explicitam a responsabilidade dos profissionais (independente da área do conhecimento) que estejam envolvidos com a velhice/envelhecimento; profissionais que, como “agentes transformadores”, têm responsabilidades na construção de novas práticas e novos conceitos. Resta saber quem educará os educadores.

A este título, Rubem Alves afirma:

> *Não sei como preparar o educador. Talvez que isto não seja necessário e nem possível... É necessário acordá-lo... Basta que o chamemos do seu sono, por um ato de amor e coragem. E, talvez, acordado, ele repetirá o milagre de instauração de novos mundos. (in* Brandão (org.), 1984: 28)

Acreditamos que a escola poderá contribuir de forma efetiva para a mudança da sociedade em relação à velhice, mas será por uma via de mão dupla, como o é também o próprio ensino: ensinar e aprender. No entanto todos sabemos, que mesmo a escola podendo contribuir de forma significativa para a transformação social, a mudança de pensamento em relação à velhice não se fará apenas a partir dela.

1. A Educação, a Família e o Idoso

No passado, a casa era o universo da mulher; esta era criada para ser esposa e mãe, para cuidar com os filhos, do marido e dos mais velhos. Ao homem, e somente a ele, era reservado o espaço público. Com o ingresso cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, houve uma mudança significativa na estrutura familiar. Além de aspiração das próprias mulheres, ocupar o espaço público foi, também, uma necessidade. Isto porque a renda auferida por elas é indispensável para a mantença da família. No entanto, a presença da mulher no mercado de trabalho não ocorreu sem conflitos individuais e familiares, sociais e econômicos.

Outra mudança marcante na família foi a institucionalização do divórcio, que permite tantos casamentos quanto a pessoa desejar; sem contar a liberação sexual, e a legalização das uniões estáveis, dentre outras.

Essas mudanças ocorreram de forma célere, estabelecendo conflitos inter-geracionais dentro da família. As pessoas que hoje se encontram na faixa etária entre 60 e 70 anos de idade são provenientes de estruturas familiares mais “estáveis”, com valores e comportamentos muito diferentes dos da família atual, o que pode dificultar o relacionamento entre as gerações que convivem em uma mesma família. Os mais velhos podem ter dificuldade de aceitar, por exemplo, a liberdade sexual da juventude atual, os relacionamentos homo-afetivos, os vários casamentos, as famílias constituídas só pelo pai ou pela mãe e seus filhos.

Principalmente as avós - vistas, em sua época, como as “rainhas do lar” - podem continuar a ver o espaço doméstico como essencialmente feminino e culpar suas filhas pela desorganização da casa; podem discordar da educação dada aos netos e reclamar quando solicitadas a ficarem com os netos enquanto as mães saem para trabalhar. Muitas destas avós não querem ajudar nos cuidados dos netos; estão em outro momento da vida e querem usufruí-lo. Por outro lado, algumas idosas trabalham fora e têm outros compromissos que não lhes permite ficar com os netos.

Em algumas famílias observamos que os avós já aposentados auxiliam os filhos nos cuidados com os netos, levando-os à escola e ajudando-os nas tarefas escolares. Percebe-se, com clareza, que as avós de hoje embora possam discordar de alguns “modernismos”, são capazes de conviver de forma mais harmoniosa com as gerações mais jovens.

Quando crianças, essas avós foram ensinadas – em casa e na escola - a respeitarem as pessoas mais velhas; isso incluía os pais, os professores, e os avós, mas não se explicava a razão. Dizia-se então: “*criança bem educada respeita os mais velhos*”. Não se dizia que os mais velhos deveriam ser respeitados como seres sociais, como cidadãos e, portanto, sujeitos de direitos e deveres, capazes de contribuir para a sociedade. Respeitar os mais velhos era um dever imposto aos mais jovens.

Nos lares e na escola, a morte também era uma espécie de tabu; assunto que não deveria ser comentado com crianças, que deveriam ser afastadas de qualquer assunto que as amedrontassem. Essas antigas crianças costumavam ter um carinho especial para com os avós; se aninhavam em seus colos e ouviam histórias, sem se dar conta que nelas as fadas e princesas eram sempre jovens, bondosas e bonitas. As bruxas: velhas, feias e maldosas!

Como poderemos melhorar o relacionamento entre as gerações? Como poderemos preparar os futuros velhos dentro da família? O conflito entre gerações sempre existiu e sempre existirá, mas se for bem administrado poderá ser positivo para toda a família.

Para crescer e evoluir, o indivíduo tem que ser flexível e adaptar-se à novas realidades.

De acordo com Sommerhalder e Nogueira:

> *A capacidade de ser flexível, de ouvir opiniões diferentes, de saber compreender as mudanças que estão ocorrendo e que aquilo que foi bom para uma geração pode não ser para outra é um treino que pode ser aprimorado através do tempo. Exigir essa postura de uma pessoa mais velha, sendo que ela nunca exercitou tal tarefa, é um trabalho bastante delicado, pois esse é um exercício construído ao longo da vida. (in: Neri et AL; 2000:107)*

Entendemos que a pessoa que no decorrer da vida foi intransigente, rígida e inflexível, certamente terá muita dificuldade em adaptar-se às mudanças. Logo, se for dado à criança, desde cedo, a oportunidade de exercitar o diálogo e a reflexão, na idade adulta e na velhice ela estará mais preparada para aceitar novas realidades.

Referindo-se à necessidade de propiciar aos mais jovens o exercício do diálogo e da reflexão Sommerhalder e Nogueira complementam: "*O treino do diálogo torna as pessoas mais flexíveis e abertas à conversação, à mudanças e à readaptação a novos ambientes*." (2000: p. 107)

Toda a família deve se preparar para o envelhecimento de seus membros, sabendo que esse processo pode ocasionar dificuldades físicas e psicológicas na pessoa que envelhece. A preparação da família para a velhice só será possível através do diálogo constante entre as diversas gerações que a compõe. Entendendo a velhice do outro, estaremos mais preparados para a nossa própria velhice.

Não é uma coisa fácil aceitar a própria velhice. Os primeiros indícios de que estamos envelhecendo aparecem repentinamente em nossas vidas, sempre trazidos pelos outros. Que susto quando, pela primeira vez, somos chamadas de "senhora" ou de "tia" pelo feirante ou guardador de carros! Pensamos então: "*não sou eu que estou velha e ele que é muito novo*". Como é estranho olhar no espelho e não reconhecer as marcas do tempo em nossos corpos!

A dificuldade de se assumir idoso aparece refletida em frases do tipo: "*ainda me sinto como se tivesse 20 anos*"; "aquele que vejo no espelho, não sou eu, não me sinto assim". Na literatura, não faltam exemplos do que acabamos de afirmar. Em "*O outro*", poema de Carlos Drummond de Andrade, lemos:

A verdade essencial
É o desconhecido que me habita
E a cada amanhecer me dá um soco.

Sempre seremos o velho de alguém, do outro. Aos 30 anos somos velhos para o adolescente, aos 60 somos velhos para os de 30. Quando

seremos velhos para nós mesmos? É sempre o outro que percebe nosso envelhecimento.

Para Goldfarb,

> *Este momento singular de estranheza ante a própria imagem, que chamamos espelho negativo, acontece na maioria dos casos antes da velhice se instalar, entre os 50 e 60 anos; é um fenômeno que anuncia a velhice em termos de estética, e que vem acompanhado de outros, relacionados com a funcionalidade do corpo e com o significado social que cada cultura outorga a esta fase da vida. (1998: 54)*

.

Os próprios idosos terão que modificar as idéias que têm sobre a velhice e o envelhecimento; terão que desconstruir os mitos criados pela cultura e pela sociedade. Terão que se livrar, sobretudo, das auto-percepções negativas e preconceituosas.

A sociedade impõe à velhice, via de regra, conotações bastante negativas. Será preciso uma revolução no ideário social sobre a velhice; uma mudança em todos os sentidos, para que seus membros possam perceber (entenda-se saber) que somos seres contínuos e não fragmentados. A necessária transformação do pensamento em relação à velhice deverá perpassar pelo conjunto da sociedade, mas principalmente pelos próprios interessados, ou seja, os idosos. Antes de qualquer um, é o próprio idoso que deve saber que continua sendo um membro ativo da sociedade, com muitas potencialidades, e não apenas um número nas estatísticas.

Quanto a nós, idosos ou não, resta

> *... usar todos os espaços de conscientização e estímulo à participação de modo a facilitar*

> *o desenvolvimento no idoso de uma consciência crítica que lhe permita agir organizadamente com vistas à reivindicação de seus direitos e deveres. (Fogaça; 2000: 31)*

Para Fogaça (2000), promover o idoso significa muito mais que proporcionar-lhe espaços de lazer e entretenimento, de ensinar o velho como se organizar para o lazer. O idoso deve, também, participar de espaços de criação e desenvolvimento.

Em uma sociedade que privilegia a juventude, os mais velhos não conseguem provar que sua vida não é somente uma seqüência de anos vividos. Quanto aos idosos, eles não querem ser excluídos, sentem que ainda têm muito afazer e realizar. Aprender com a experiência dos mais velhos pode ser altamente vantajoso; mas para tanto, uma nova atitude é necessária.

> *Atitudes são predisposições aprendidas e relativamente estáveis para responder ante um objeto e compreendem três componentes: cognitivo, emocional e tendência à ação. (Neri; 2005: 13)*

Para Neri, a cognição inclui as crenças avaliativas sobre um dado objeto e, em parte, refletem normas sociais; o emocional refere-se aos sentimentos do indivíduo em relação ao objeto e a tendência à ação é a disposição de entrar em contato com o objeto. Atitudes e preconceitos são reflexos de processos cognitivos de supergeneralização ou de supersimplificação. Em relação à velhice a supergeneralização pode ser: "*os idosos vivem no passado*", "*os idosos são dependentes*". A supersimplificação pode ser negativa ("*os idosos são teimosos*"), ou positiva ("*todo idoso é sábio*"). Atitudes preconceituosas em relação à velhice se desdobram, muitas vezes, em políticas e práticas sociais discriminatórias, segregadoras, rejeitadoras ou paternalistas.

Na atualidade, é consenso que a capacidade de aprendizagem de sem comprometimentos cognitivos não declina com a idade; que permanece na velhice. Como ocorre com outras capacidades e habilidades, utilizar a inteligência contribui para a sua preservação.

Para Moragas,

> *A psicologia atual possui a perspectiva de desenvolvimento integral do ser humano, desde que tenha uma saúde normal: aceita-se que a assimilação de novos conhecimentos, atitudes e hábitos possa ter lugar em qualquer idade, modificando-se apenas a velocidade da assimilação.(apud.* Fogaça ; 2000: 37)

Desde o início do século XX, muitas descobertas científicas estão transformando os modos de ser, pensar e agir no mundo. Os cognitivistas entendem que à medida que o homem vive, ele vai construindo e sendo construído pelo mundo. Portanto, a cognição é uma construção do indivíduo com o mundo em que vive. Esta corrente da psicologia vem provocando significativas mudanças no entendimento da velhice e do envelhecimento.

Ela é interdisciplinar, abrangendo cinco disciplinas: a neurociência, a psicologia cognitiva, a inteligência artificial, a lingüística e a filosofia. Todas essas áreas do conhecimento têm trazido importantes contribuições para uma mudança de atitude em relação à velhice.

Conforme Pelloso Lima (*in* Kachar; 2001: 17-21), os neurocientistas já sabem que o cérebro humano é um órgão que possui excelente nível de plasticidade, crescendo e mudando ao tempo todo. Anteriormente, o conhecimento sobre o funcionamento do cérebro era baseado somente no comportamento humano. Com o surgimento da tomografia computadorizada, em 1972, e depois, com a tomografia por emissão de pósitrons, os cientistas

começaram a conhecer de forma mais detalhada a estrutura e as funções do cérebro. Até então, acreditava-se que o cérebro humano parava de crescer após a puberdade e, que ao chegar à velhice, 40% das células cerebrais poderiam ser destruídas, o que resultaria na diminuição da capacidade cerebral. Quem vivesse até ficar velho certamente perderia a memória, a capacidade intelectual diminuiria e a possibilidade de "senilidade"[12] seria bastante séria.

Atualmente, os cientistas já sabem que a diminuição das habilidades intelectuais e da memória dos idosos resulta mais de muito mais de doenças do que da velhice.

Os cientistas vêm comprovando, também, que as células cerebrais podem chegar inalteradas na velhice; que para tanto elas dependem do quanto são utilizadas e exercitadas desde a infância. Daí a necessidade de as pessoas manterem-se sempre ativas e com ampla utilização do cérebro.

Grossi, afirma que

> *As numerosas e consistentes descobertas científicas na área cognitiva vão inaugurar, ou quiçá, já estejam inaugurando, uma nova era, não só para a educação escolar mas para o dia a dia de cada ser humano. Vivemos sempre envolvidos na permanente necessidade de aprender. Impossível saber o que nos reserva o "day after". "Haja hoje para tanto ontem!"* (2000: 93)

Acrescenta ainda:

> *Somos, via de regra, surpreendidos por exigências inimagináveis que a vida nos arma. Como sair delas? A última dessas*

[12] Na definição de padrões de envelhecimento de Schroots e Birren (1990), o termo **senilidade** refere-se ao envelhecimento secundário ou patológico. (*apud* Neri, 2005: 149)

exigências viveremos quando a morte se nos achegar. Como a enfrentaremos? (2000: 93)

As descobertas dos cognitivistas indicam que a experiência de aprender é uma marca do ser humano. O ser humano vive porque aprende. Diversamente dos animais - dotados de instintos que garantem sua sobrevivência - o ser humano está sempre empenhado na busca de mais felicidade, sempre tentando melhorar o mundo. Essa busca constante exige contínua capacidade de aprender para enfrentar o desconhecido, o novo.

Os instintos existentes no ser humano não o preparam para a vida; isto porque eles são carentes de direção e especialização. Com isto, o homem tem que aprender para sobreviver. Algumas aprendizagens se fazem pela natureza ou pela vivência e convivência do cotidiano; outras requerem a sistematização e a organização da escola. Por mais defeitos que a escola possa ter, ela é uma das mais importantes instituições de transmissão e construção da bagagem cultural e científica. Essa bagagem é indispensável para ser cidadão no mundo, não só para usufruir as formas de vida que ele oferece, como para nele atuar e continuar a transformá-lo (Grossi, 2000: 57).

A escola só cumpre sua finalidade e o ensino só tem significado se não estiverem desvinculados das vivências, dos valores e daquilo que tem significado para quem aprende. O educador que pretende transformar o pensamento dos educandos sobre a velhice e o envelhecimento terá que conseguir a adesão dos alunos; apenas palavras certas não são suficientes, pois os preconceitos, os mitos e as discriminações atravessam o meios social e as famílias.

Imbuídas desses novos conhecimentos em relação à velhice, podemos identificar a existência de várias instituições em nossa sociedade: Universidades Abertas à Terceira Idade, Voluntariado, Comunidades de

Bairro, e outras. Estas instituições vêm contribuindo para a conscientização do idoso, da família e de toda a sociedade para uma reforma do pensamento.

Retomando: a contribuição da educação para as mudanças sociais em relação à velhice – como ocorre nas Universidades Abertas para a Terceira Idade - parte do princípio que os idosos podem e devem freqüentar a escola. Outro princípio é conscientizar o idoso e sua família de que a escola servirá como estímulo para o desenvolvimento da inteligência e do cérebro.

Acreditamos que quando o idoso tem acesso ao saber, ele começa a pensar e agir de forma diferente; a exigir um tratamento diferente. As Universidades Abertas para a Terceira Idade podem conscientizar o idoso para que ele dê sua contribuição para as reformas sociais necessárias.

No entanto, somente a informação não é suficiente para modificar o pensamento do idoso; é preciso que ele reflita e aprenda a identificar, analisar e buscar soluções para os problemas e necessidades de sua vida.

Durante o processo de envelhecimento o indivíduo se defronta com incontáveis desafios e exigências. O desafio maior é construir o próprio caminho, desenvolvendo atitudes que o levem a superar não só as limitações físicas, como também as dificuldades que a sociedade coloca, a exemplo dos preconceitos e estereótipos.

A educação é um dos meios para o enfrentamento desses desafios. Ela permite que o idoso adquira novos conhecimentos e identifique oportunidades de conferir mais qualidade e dignidade à sua vida.

Entendemos que a educação para idosos deve ser um trabalho conjunto entre o professor e o aluno; ambos deverão analisar as dificuldades

e as formas possíveis de enfrentá-las. O professor terá que conhecer as características desta fase da vida, bem como os preconceitos e estereótipos socialmente presentes e estabelecidos.

O professor deve levar em conta a experiência de vida do aluno idoso, permitindo sua participação ativa na colocação de suas vivências e procurando relacioná-las com o conteúdo apresentado.

Santos e Sá ensinam que:

> *Acima de tudo, o professor tem que conhecer o interesse de seus alunos da terceira idade, pois eles só se motivam e assimilam aquilo que lhes for interessante. Não é exagero dizer que o aluno idoso "só faz aquilo que realmente quer".* (in: Neri & Freire; 2000:95)

Na verdade, o professor de idosos deve ser o orientador que indica os caminhos e os meios para que o aluno consiga enfrentar seus desafios. Portanto, o aluno idoso deverá ser encarado como sujeito de seu próprio aprendizado.

Santos e Sá complementam:

> *Os programas educacionais para idosos vêm procurando atender a essas necessidades, trabalhando com diversos procedimentos pedagógicos, a fim de despertar a consciência crítica para a busca do envelhecimento bem sucedido.*
> *(*in: Neri & Freire; *p.93)*

2. Os Meios de Comunicação e a Velhice: uma nova pedagogia?

Em nossa sociedade, é especialmente nas camadas médias que a velhice assume o caráter de uma questão social do idoso. Apesar de as maiores carências não estarem nessas camadas, são elas que vêm levantando e divulgando e os aspectos mais desafiadores da velhice e do envelhecimento em nosso país. É de suas fileiras que têm surgido propostas de soluções que, aos poucos, vão influenciando o pensamento das demais classes sociais, das esferas governamentais e dos meios de comunicação.

Questões associadas à aposentadoria e às relações extra e intra-familiares fazem pauta da agenda de segmentos da classe média que vem assumindo a tarefa de dar visibilidade à velhice. Esta situação não desmerece os movimentos da classe média; pelo contrário, esses movimentos podem irradiar-se, como já vem acontecendo, para as populações mais carentes.

Segundo Magalhães,

> *...consideramos que a perspectiva da classe média no tratamento da problemática da velhice não é um ponto de chegada, mas de irradiação e convergência de informações, conhecimentos, conclusões e soluções que esperam por condições favoráveis para que abranjam não somente as próprias classes médias, mas se expandam na direção das populações mais carentes do ponto de vista material ou daqueles que sejam carentes do ponto de vista psicológico e existencial. (1998:70)*

Pelo seu alcance, os meios de comunicação - rádio, jornal e, especialmente, a televisão – têm se mostrado importantes veículos de informação contribuindo, assim, para a transformação do pensamento sobre

a velhice e o envelhecimento. Nestes termos, eles também desempenham um papel educativo.

Nos últimos tempos, a televisão começa a apontar para um novo modelo de velhice, além de repudiar o antigo modelo fundado na institucionalização do idoso (asilamento). No entanto, o que se observa, por vezes, é ainda uma ambigüidade em relação ao idoso. Se por um lado temos novelas e reportagens que mostram novas formas de viver a velhice, notícias sobre movimentos de idosos e reivindicações em favor dos mesmos, por outro lado, imagens estereotipadas e caricatas do idoso ainda se fazem presentes.

Resta saber "*se*" e "*como*" a "*nova velhice*" – despida de preconceitos e estereótipos, não caricaturada, apreendida como condição complexa e multifacetada (tal como as outras etapas da vida), aberta à aprendizagem e a experiências novas e gratificantes – aparece entre os que responderão, em futuro próximo, pela formação das novas gerações, na condição de educadores.

O capítulo que se segue – dedicado à pesquisa de campo – apresenta e analisa os dados obtidos sobre o tema, entre jovens universitários do curso de pedagogia.

CAPÍTULO III

A PESQUISA DE CAMPO

1. Dos Objetivos

O objetivo deste trabalho foi Investigar a velhice no olhar de futuros educadores; de alunos que, no segundo semestre de 2008, cursavam o último ano do curso de pedagogia.

Foram definidos os seguintes **Objetivos Específicos**:

- Registrar – a partir dos estímulos visuais dados (anexo 4) - as imagens escolhidas e os adjetivos mais recorrentes associados, pelos universitários, à velhice.
- Levantar as projeções dos sujeitos para sua própria velhice.
- Identificar as aproximações e os afastamentos entre as representações da velhice como condição geral e as projeções da velhice do entrevistado.

2. Da Opção Metodológica

Para a coleta dos dados, nos baseamos na metodologia da pesquisa qualitativa; a técnica utilizada foi a de entrevistas individuais. A interpretação dos resultados teve por base a Análise de Conteúdo.

A pesquisa proporciona ao pesquisador ”*olhar sobre novos horizontes*”; por meio dela nos debruçamos e investigamos um tema que consideramos de grande valia para a transformação social.

A pesquisa qualitativa centra-se na busca de significados, lida com interpretações da realidade social, não com dados medidos por meios numéricos, estatísticos.

Segundo Minayo:

> *As metodologias de pesquisas qualitativas são entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e as estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas. (1992:23)*

Neste sentido, o pesquisador assume o papel de "investigador conciliador". Deve possuir predisposição para assumir uma leitura clara, aberta a todas as manifestações que observa, sem antecipar conceitos, nem construir conclusões fundamentadas pelas aparências imediatas. Há necessidade de esclarecer que sua intervenção não tratará de mero relato inerte, mas de uma fundamentação construída levando em consideração que os sujeitos da pesquisa têm representações, práticas, percepções elaboradas com relativa lógica porque partilham de uma cultura e, conseqüentemente, farão uma leitura de mundo baseados em suas experiências, ou seja, no mundo que os cerca e nos atos que efetuam.

Segundo Chizzotti,

> *Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de*

> *vida e orientam as suas ações individuais, Isto não significa que a vivência diária, a experiência cotidiana e os conhecimentos práticos reflitam um conhecimento crítico que relacione esses saberes particulares com a totalidade, as experiências individuais com o contexto geral da sociedade. (1991:83)*

Em geral, o objetivo de uma pesquisa qualitativa é interferir em uma conjuntura insatisfatória, mudar situações compreendidas como transformáveis, onde pesquisador e pesquisados assumem, espontaneamente, uma postura reativa.

Considerando a relação de cumplicidade que se constrói entre pesquisador e pesquisados, por meio dos significados contidos nos sujeitos, é relevante salientar que o resultado final da pesquisa não é fruto de um trabalho individual, mas da contribuição de várias pessoas e campos de conhecimento. É, portanto, fruto de uma construção coletiva. Essa construção se concretiza por meio de dados significativos que resultam de um contexto de relações entre o pesquisador e os pesquisados.

Além da relevância do tema – a velhice entre universitários e futuros educadores - foi minha prática profissional que me levou ao tema desta investigação. Acredito que a partir dos textos produzidos através do procedimento metodológico adotado (descrito à frente), foi possível averiguar o quanto à imagem permite trazer à tona as concepções de velhice presentes nos sujeitos da pesquisa.

A seguir, descreverei os passos, para o desenvolvimento da pesquisa de campo: instrumento de coleta de dados, organização dos dados coletados e procedimentos para análise dos conteúdos.

3. Sobre a Minha Escolha

Minha atuação como professora da rede pública e como observadora dos projetos de capacitação e formação de professores oferecida pela Rede Estadual de Educação proporcionou-me a oportunidade de refletir sobre como a "velhice" é concebida por vários segmentos. Foi por esta razão que escolhi como sujeitos os estudantes universitários da Universidade de Sorocaba do último ano do curso de Pedagogia. Busquei levantar, entre estes universitários em formação, suas representações (conceitos) sobre a velhice, objeto central da investigação proposta. Os sujeitos – 20 no total - foram escolhidos aleatoriamente; destes, 10 (dez) eram do período diurno e 10 (dez) do período noturno. Todos aceitaram participar voluntariamente da pesquisa.

4. A Coleta de Dados

A pesquisa foi previamente aprovada pelos Comitês de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (**anexo -1**) e da Universidade de Sorocaba para a realização da pesquisa (**anexos-2**). O **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** foi utilizado para a concordância e autorização dos sujeitos, (**anexos-3**).

Duas questões foram endereçadas a cada um dos 20 sujeitos; ambas precedidas da apresentação de um estímulo "visual".

A primeira - "**Velhice é..."** - foi formulada a partir da exposição de diferentes imagens impressas em uma única folha A4 (um total de 10 imagens, das quais nove de idosos (**anexos-4**).

A segunda - "**Minha velhice será..."** - foi precedida da colocação de um espelho para que o sujeito se "olhasse" (**anexos-5**). Cabe sublinhar que esta "técnica" foi sugerida pela banca do Exame de Qualificação.

A escolha dessa técnica vinculou-se à escolha do material para coleta dos dados, além de considerarmos pertinente destacar duas funções na aplicação da mesma, assim definidas por Gomes:

> *A primeira refere-se à verificação de hipóteses e/ou questões, ou seja, através desta técnica podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A segunda refere-se à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado.(apud Minayo-2003:74/75)*

Sobre análise de imagens e reafirmando a citação acima, Penn afirma:

> *Embora as imagens, objetos e comportamentos podem significar e, de fato, significam, eles nunca fazem isso autonomamente: "todo sistema semiológico possuí sua mistura lingüística. Por exemplo, o sentido de uma imagem visual é ancorado pelo texto que a acompanha, e pelo status dos objetos, tais como alimento ou vestido, visto que sistemas de signos necessitam" a mediação da língua, que extraí seus significantes (na forma de nomenclatura) e nomeia seus significados (na forma de usos, ou razões)*. (apud Barthes; 2002:321).

A coleta de dados foi realizada no mês de novembro de 2008, em diferentes Campus Universitários. Apesar de ser época de provas, de entrega de trabalho e de fichas de estágio, dentre outros, os estudantes, selecionados aleatoriamente, se propuseram prontamente a colaborar.

De início, e atendendo a solicitação da própria, a Coordenadora do Curso de Pedagogia explicou os objetivos da pesquisa e como ela seria realizada. Foi ela que autorizou a pesquisa e me apresentou à professora, que prontamente abriu um espaço em sua aula para que eu fizesse o convite aos estudantes nos dois períodos (matutino e noturno).

No primeiro contato foi explicado aos estudantes que era uma pesquisa para obtenção do título de Mestrado. Quando nos referimos ao título da pesquisa, alguns se demonstraram bastante interessados, curiosos e querendo saber mais.

Iniciada a pesquisa, os alunos receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias. O Termo foi lido e algumas dúvidas foram dirimidas. Foi explicado que o tempo para as respostas seria aproximadamente de 30 minutos para as duas perguntas.

Foi então que receberam o material da pesquisa individualmente com a primeira questão (**Velhice é...)** juntamente com as imagens. Concluídas as respostas, elas eram recolhidas, passando-se para a segunda questão (“**Minha velhice será...”)**, juntamente com o espelho.

4.1. O impacto: reações, gestos e expressões

Na primeira questão – acompanhada da folha com 10 imagens - ouvia-se alguns resmungos do tipo: “*é difícil...”,* “*nunca pensei isso*...”; ao lado deles, certa inquietação pairava no ar. Inquietação seguida de silêncio; silêncio de concentração ou tensão.

As respostas à segunda questão foram dadas sempre se olhando no espelho. Arrumavam o cabelo e davam uma “esticadinha” no rosto; além disto, novos resmungos: “*nossa nunca me imaginei...”,* “*meu Deus!”*.

Na entrega das respostas à segunda questão, alguns comentaram que nunca haviam pensado na velhice; outros disseram que já haviam pensado e outros ainda disseram que pensaram nos pais e avós. Alguns disseram que foi um bom exercício de reflexão e que gostaram; alguns quiseram deixar registrada a importância da pesquisa. Na devolução da segunda questão, foram presenteados com o espelho recebido que, com muito carinho, foi preparado para os sujeitos. Todos adoraram o "mimo" e disseram que seria uma recordação da pesquisa e da pesquisadora.

4.2. O impacto: a vez do pesquisador

O que mais chamou nossa atenção foi o fato de que a maioria dos sujeitos queira falar sobre a pesquisa; davam a impressão que querer justificar o que haviam escrito. Procuravam explicitar que não estavam conscientes da velhice; que não haviam pensado na própria velhice e nem na velhice do "outro". Os comentários sobre o tema foram tímidos: "*vou pensar na vida*", "*como envelhecer saudável*"; "*dedicar-se mais espiritualmente*"; "*realmente a velhice chega*"; "*viver melhor com as pessoas e com a família*".

Temos a impressão de que a investigação contribuiu para a reflexão da velhice "em si" e "para si".

No período noturno houve mais questionamentos e dúvidas sobre como proceder. Nesse período, foram várias as tentativas de acerto de dia e de horário, pois trabalham durante o dia. Na data marcada para a realização da pesquisa, dos 10 que haviam aceitado participar voluntariamente, 70% não estavam na sala. Foi necessário solicitar outros voluntários, havendo vários interessados em participar da pesquisa (mais que dez). Foi necessário explicar tudo novamente. Assim fomos para uma sala disponível e foi realizada a pesquisa. Em cada um dos períodos localizamos um sujeito com interesse na área (trabalhar com idosos); a do período noturno

fez seu trabalho TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) em uma instituição de idosos em Sorocaba. A do diurno também falou sobre seu interesse em dar continuidade em seus estudos nessa área (com idosos).

Para a pesquisadora mais um momento de aprendizado e crescimento pessoal, além da esperança de que a investigação feita possa contribuir para uma reflexão mais profunda e para uma mudança de pensamento dos futuros educadores; mudança que pode irradiar-se para outros espaços da vida e da sociabilidade.

5. Local da Pesquisa e Sujeitos

A pesquisa foi realizada na própria universidade (Universidade de Sorocaba/UNISO) em uma sala de aula que estava disponível no período de cada Campus.

Como já afirmamos, foram 20 sujeitos, sendo 10 por período, assim distribuídos por sexo e faixa etária:

Sexo	**N**
Homens	02
Mulheres	18
Total	**20**

Faixa Etária	**N**
20 e 29 anos	13
30 e 39 anos	05
40 e 49 anos	01
50 e 60 anos	01
Total	**20**

6. Análise dos Dados

Para a análise dos dados nos baseamos no referencial teórico de Gomes sobre as “unidades de registro”.

Para Gomes,

> *Essas unidades se referem aos elementos obtidos através da decomposição do conjunto da mensagem. Podemos utilizar a palavra como uma unidade, trabalhando com todas as palavras de um texto ou com apenas algumas que são destacadas de acordo com a finalidade do estudo [.....] Outra unidade é o tema que se refere a uma unidade maior em torno da qual tiramos uma conclusão.* (apud Minayo-2003:75)

Ressaltamos, desde logo, que a leitura cuidadosa – cercada de meandros – das entrevistas levou a algumas conclusões iniciais e mais gerais. São elas:

a) Os valores, as crenças, as opiniões e percepções sobre a velhice no olhar dos sujeitos, educadores de amanhã, explicitaram-se claramente;

b) Os conceitos de velhice e de envelhecimento presentes nos alunos do último ano do Curso de Pedagogia repõem, em linhas gerais, o ideário sobre a velhice e o envelhecimento socialmente estabelecido;

c) Velhice e envelhecimento são vistos tanto a partir de aspectos “positivos” (sabedoria, alegria, reflexão, espiritualidade, aprendizado, estar de bem com a vida, fazer esporte, experiência, qualidade de vida e fase da

vida, como negativos, a exemplo da solidão, medo e abandono).

d) Na condição de “não-lugar”, a velhice permanece, via de regra, no impensado. Distante dos olhos e estranha ao pensamento de jovens adultos e de adultos, a velhice permanece no impensado.

Na pergunta “**Minha velhice será...”,** a predominância é de concepções positivas, a saber: atividade física, estar com a família, cuidados com alimentação, aceitação da velhice, experiência, aparência, velhice boa e alegre, em aproveitar o tempo da aposentadoria para passear e viajar. Mas houve quem associasse a própria velhice à solidão, à não aceitação do envelhecimento, a ser esquecida numa instituição. Entre as respostas dadas, houve quem afirmasse: **“***o que sou hoje será o reflexo da manhã*”.

Ainda que sob formas diversas, sabedoria, experiência e qualidade de vida apareceram em quase todas as respostas.

Apresentamos, a seguir, as respostas mais recorrentes. Cabe esclarecer que os sujeitos foram identificados pela letra “E” seguida de ”M” e um número (matutino) ou “N” (noturno) e de um número, conforme tabela 1. Este expediente foi utilizado para garantir o anonimato dos mesmos.

Tabela 1					
Entrevistados	**Período**	**Idade**	**Gênero**		**Identificação dos Sujeitos**
1	Noite	22		F	N1
2	Noite	22		F	N2
3	Noite	22		F	N3
4	Noite	27		F	N3
5	Noite	27	M		N5
6	Noite	30		F	N6
7	Noite	33		F	N7
8	Noite	33		F	N8
9	Noite	35		F	N9
10	Noite	37		F	N10
11	Manhã	20		F	EM-11
12	Manhã	21		F	EM-12
13	Manhã	21		F	EM-13
14	Manhã	22		F	EM-14
15	Manhã	23	M		EM-15
16	Manhã	24		F	EM-16
17	Manhã	36		F	EM-17
18	Manhã	39		F	EM-18
19	Manhã	42		F	EM-19
20	Manhã	52		F	EM-20

A. Sabedoria, Experiência e Qualidade de Vida

*"Como vantagens podemos analisar a **sabedoria**, o **conhecimento**, a **experiência** e **aprendizagem** e aprendizagem dos mais variados assuntos no que se refere à existência do ser humano". (EM-11)*

*"Representação de um momento de **sabedoria**". (EM-11)*

*"Um momento em que se tem muito para **ensinar**". (EM-11)*

*"Ser **sábio**, experiente até porque viveu alguns a mais que outros". (EM-11 e N2)*

*"Vejo que as pessoas que estão na fase na velhice são pessoas **sábias** e cheias de vitalidade". (N4)*

*"Uma fase que aqueles que sabem como aproveitar vive feliz, pois já se tem **sabedoria** para apreciar as mais belas coisas e momentos que se pode ter". (N7)*

*"Velhice é consciência do espírito, é **sabedoria**, é futuro, é a realização de vida". (N9)*

*"Processo natural do corpo que compete a cada um como irá vive-lo", "Hoje se fala muito em **qualidade de vida**, e creio que devemos procurar envelhecer com saúde, física e mental". (EM-19)*

B. Fase da Vida, Corpo e Atividade Física

*"Aceitar a velhice **física** como algo **natural** é manter a mente ativa, é essencial para uma velhice saudável". (EM-19)*

*"Na minha concepção a velhice é uma **fase da vida**, como a infância, adolescência, adulto e a velhice. E todas essas fases ela*

sempre está em processo de construção e não de término". (N4)

*"É de suma importância pensar nela desde jovem para darmos início e seqüência ao processo envelhecimento, que é **biológico e natural**", "começo de um novo tempo em nossa vida". (N9)*

*"Resultado de um **processo construtivo e elementar**, inesperado e inevitável". (N3 e EM-15)*

C. Lazer, Sociabilidade e Projetos de Vida

*"**Viver intensamente** todos os dias de sua vida". (N2)*

*"Existem vários grupos da "3ª idade" que **viajam** pra lá e pra cá, vão para **festas**, organizam festas, etc, enfim estão **curtindo**, aproveitando mais do que muitos jovens de 15-20 anos". (EM-16)*

*"Estou terminando o curso de pedagogia onde me trouxe novos horizontes de conhecimentos. Eu acredito que estando com uma mente ocupada com **projetos**, objetivos passa-se pela velhice muito bem". (EM-20)*

*"Precisa-se conservar a **alegria de viver**, se sentir **útil**, **movimentar**-se, **acreditar**...". (N1)*

*"Acordar, saber que hoje é mais um dia e que é preciso **estar de bem com a vida** para **curtir** cada momento". (N9)*

Além das respostas acima agrupadas, houve quem afirmasse:

*"Velhice é fruto do que **acreditamos** ser". (EM-17)*

*"Acho que somos aquilo que **queremos** ser". (EM-17)*

*"A nossa **cultura** tem que **aprender** a ter respeito" (N10)*

*"Ter **paciência** é uma **qualidade** que temos que buscar". (N10)*

Na pergunta "Minha Velhice será..." obtivemos resultados igualmente relacionados ao bem estar, ao relacionamento com familiares, à atividade física e à esperança; mas a negação da velhice e o medo também habitam as projeções da própria velhice. É por estes últimos que passamos a palavra aos entrevistados.

- **A Negação da Velhice e o Medo**

*"De **difícil aceitação**, se pudesse parar no tempo, e assim dar continuidade, seguiria a diante sem mudanças muito radicais". (EM-15)*

*"é **difícil** conseguir me imaginar **velha**..." (EM-13)*

*"Boa, e **terrivelmente difícil de aceitar**, acho que o mais difícil são as transformações que ocorrem no meu corpo". (N10)*

*"Tenho muito **medo** de ficar num leito, se não plantar o amor familiar, poder ser que fique esquecida em **alguma instituição**". (N10)*

*"Não quero que me achem "**velha**" antes de ser idosa, quero ser idosa com espírito jovem e maduro, experiente e alegre". (N9)*

*"O maior desafio será **manter a mente jovem**, com esperança e força para levar uma vida ainda melhor" (N3)*

*"Não sei se quanto à **aparência** estarei bem, acho que este é o **meu maior medo**, mas também hoje não faço nada para melhorar isso lá na frente, mas também isso não é tão importante" (N6)*

*"**Medo** de doenças" (N10)*

*"**Medo** das transformações do corpo" (N10)*

No entanto, no mais das vezes as projeções para a própria velhice são idealizadas e vistas muito positivamente: velhices saudáveis, alegres, ativas e cercadas de pessoas queridas (familiares e amigos). Viajar e manter relações sociais são projeções recorrentes.

*"Precisamos fazer a diferença com nossa **alimentação**, praticar **esporte**, ser **alegre** não levar a vida tão a sério". (EM-17)*

*"**Ativa**, quero viver, fazer tudo o que puder, enfrentar a vida com **disposição**, **otimismo** e **fé**, sem nunca perder a esperança". (EM-11)*

*"**Brincar** com os meus **netos**". (EM-11)*

*"Quero ser uma velhinha **de bem com a vida** e **bem humorada**. Quero estar **perto da família e amigos**, não quero ficar sozinha, Quero contar as minhas experiências, contar histórias para os meus **netos**, quem sabe **bisnetos**". (EM-11)*

*"Cheia de experiência para contar e em **plena atividade**". (EM-11)*

*"Muito **agradável**. Vou ser uma velhinha **carinhosa** e dando todo meu **amor** para meus **netos e filhos**, **alegre** e **bem disposta**". (EM-12)*

*"Será regada de **boas atitudes** visando a **saúde emocional e física** do meu ser". (EM-11)*

*"**Excelente**. Procuro me **exercitar** regularmente, faço **acompanhamento médico periodicamente.** A mente está sendo estimulada, prova disso, estou em uma faculdade. O **relacionamento familiar** é ótimo". (EM-19)*

*"Sei da importância que devemos aos **cuidados** do **corpo** e da **mente** para atingir uma **velhice sadia**". (EM-13)*

*"Eu acho que envelhecer é uma **fase ótima**, porém, ao passar dos anos, não poderá fazer coisas que fazia antes". (EM-16)*

*"Será cheia de **boas lembranças**, **memórias** e **saudades**, será **curiosa**, **disposta** por mais aprender e mais viver". (EM-11)*

*"**Calma**, sem altos e baixos". (N2)*

*"Será cheia de **alegria**, vejo um exemplo meus pais, eles possuem 60 anos cada um, e a cada dia percebo a **alegria** e a **felicidade** que eles têm". (N4)*

*"Espero ter uma velhice **agradável**, e já tenho planos para isso, não quero ficar em casa só costurando, mas quero praticar ginástica, **dança** e participar de várias **festas**". (N4)*

*"Ter muita **saúde**, **movimentar meu corpo**, sem esquecer de **exercitar a mente**, relatar para os meus **netos** que ousei, busquei aquilo que queria e fui atrás da **felicidade**". (N1)*

*'**Minha será boa** porque encontrei um **bom companheiro**, que espero que esteja ao meu lado até o fim, espero que a minha falta de paciência, não seja um fator que aborreça, que meus **filhos** tenham compreensão que já não sou a mesma. (N10)*

*"A **fase mais bela** que a vida e Deus me permitir. Quero demonstrar mais **amor** e **carinho** aos meus **familiares**, quero **estudar**, **aproveitar a vida** de aposentada **lendo** bons livros, **ouvindo boas musicas** e **conhecendo lugares** que hoje só posso ver na TV e nas fotos, de preferência, fazer tudo isso **acompanhada pelo grande amor da minha vida**, que ainda não encontrei, mas sei que vou encontrar, quem sabe na velhice". (N7)*

*"Espero estar **tranqüila**, que já tenha trabalhado o suficiente, para **descansar** e **fazer coisas que sempre quis**, mas nunca tive tempo". (N6)*

*"Espero na minha velhice ter muita **saúde**, **estar ao lado das pessoas que mais amo**, ter uma **família grande**, e não precisar trabalhar tanto, poder **passar as tardes deitada** em uma rede, **lendo** um bom livro, sem me preocupar com o calendário ou com o relógio". (N6)*

*"Período de minha vida onde me dedicarei em **me conhecer mais, ajudar as pessoas, partilhar conhecimentos e afetividade**, buscarei **estudar** para ver a beleza na simplicidade e a **alegria de viver**". (N8)*

*"Cabelos brancos, marcas de expressão, pele frágil, necessidades de mais cuidados com a saúde. **Ativa**, apesar das limitações. Um momento de buscar mais **tranqüilidade** e **paz**". (N3)*

*"Um processo **natural**, sem lutar com as rugas e nem com os cabelos brancos, mas também, sem deixar de **cuidar** do meu **físico**, pois, ele irá me conduzir para a **velhice desejada**". (N9)*

*"Penso que no futuro quando estiver com idade um tanto avançada, viverei, **mais com calma**, hoje meus dias são muito agitados (pelos compromissos) do dia-a-dia". (N2)*

*"Estou pensando nesse estágio apesar de estar com 35 anos, assim poderei com mais **tranqüilidade preparar e alimentar o meu espírito** para uma **velhice gostosa** de ser vivida". (N9)*

*"Imagino **minha velhice**, idade avançada, porém **motivação de uma criança** que tem toda vida pela frente, enfrentando as **alegrias** e **tristezas** dia após dia, mas sem enfado diante da vida". (EM-13)*

*"Para mim a velhice é um **recomeço** de uma **nova vida**". (N4 e N6)*

*"Deixar o **poder da mente dominar o corpo** e assim **progredir** regredindo, metaforicamente, enquanto a **cabeça amadurece**, o **corpo rejuvenesce**". (EM-15)*

Entre as projeções feitas para a própria velhice, encontramos algumas que seu caráter "natural", seu lugar normal no curso da vida e a relação com a vida pregressa.

*"A velhice **reflete** no que somos hoje". (EM-17)*

*"Imagino, como a dos meus pais, dos meus avós. Imagino que a **genética** irá influenciar em minhas características físicas". (EM-11)*

*"Temos os nossos momentos como **a natureza**, nascemos, vivemos e morremos, deixando em exemplo de vida para os nossos...". (EM-20)*

*"A minha forma de viver a velhice, não imagino como irá se caracterizar, mas **será conseqüência e continuidade da minha juventude** e da **minha forma de viver**". (EM-11)*

"Até o momento eu estou encarando bem meu envelhecimento. Claro procuro alternativas, com um creminho aqui, outro ali... para melhorar a aparência, mas

*acredito no envelhecimento como **evolução**". (EM-20)*

*"De acordo com minhas **atitudes de hoje**". (EM-11)*

*"Será um **complemento**, se assim eu puder desfrutar desta fase, para **concluir esta vida**". (EM-11)*

*"Algumas coisas são certas, muito pessoais, minha velhice será: gordinha, gordinho, pouco cabelo, teimoso, mais criterioso ainda. Preciso **cuidar do melhor do meu físico**". (N5)*

*"Espero que quando chegar a minha velhice eu possa olhar para trás e pensar nas **coisas boas que vivi e realizei**". (N1)*

PALAVRAS FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi investigar o significado da velhice para futuros educadores. Para atingirmos esse objetivo, o trabalho foi divido em três capítulos.

No primeiro capítulo, "*Sociedade Moderna e Velhice*", exploramos as representações da velhice na sociedade atual. Debruçamos-nos sobre como, ao longo da história da humanidade, foram sendo criados mitos, estereótipos e preconceitos em torno da velhice. Exploramos, também, a influência das instituições sociais na formação do pensamento sobre a velhice.

A parir dos referenciais teóricos, foi possível mapear a passagem da sociedade capitalista centrada no lucro, na produção e no trabalho, para a atual sociedade capitalista voltada para o consumo, além das repercussões e influências desta transição sobre a velhice.

A realidade está diante de nossos olhos; só não vê quem não quer. O mundo envelheceu e teremos cada vez mais idosos na sociedade. O avanço das ciências e as novas tecnologias contribuíram para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, aumentando a esperança de vida e os anos vividos na condição de "idosos" (longevidade). No entanto, não estamos preparados para essa nova realidade. Assim, e considerando o que apontam estudiosos e pesquisadores da área, a velhice de hoje pode ser comparada à de tempos passados.

Paradoxalmente, os estudos sobre a velhice e o processo de envelhecimento avançaram muito e hoje já se sabe que a velhice não implica, necessariamente, em doença e isolamento; que os idosos, quando

socialmente integrados e vivendo a cidadania plena (não restrita ao âmbito político, nem à esfera do consumo), podem ser bastante.

Como a velhice é um fenômeno social que repercute sobre toda a sociedade, aquele que envelhece tem que se preparar para essa fase da vida. Porém, o que se observa atualmente é a negação da velhice; negação presente nas concepções nefastas e negativas da velhice. As pessoas têm medo de envelhecer; de não mais pertencer a um mundo que valoriza o belo, o forte, o jovem.

A sociedade cria expectativas em relação ao comportamento do indivíduo: espera que o jovem se comporte desta ou daquela forma, que a mulher tenha este ou aquele comportamento. Isso também ocorre em relação aos idosos, levando muitas pessoas que estão envelhecendo a se comportarem de acordo com o que a sociedade espera delas e não realizando aquilo que são capazes de realizar. Se as concepções de a velhice esgotarem-se nos mitos, nos preconceitos e nos estereótipos, certamente os idosos os refletirão em seus modos de ser, agir e pensar.

Será preciso uma ampla reforma do pensamento sobre a velhice; reforma que deverá permear todas as instituições sociais, a exemplo da escola, da família, da igreja, dos meios de comunicação e dos governos, visando romper com as disposições instaladas na sociedade atual. As contribuições dos estudiosos do envelhecimento e da velhice deverão sair do discurso acadêmico e chegar até a população.

Algumas políticas públicas voltadas para os idosos já estão sendo implementadas em nosso país; mas isso só acontece pela luta dos movimentos de Terceira Idade e não pela iniciativa dos governantes, que parecem não se preocupar com a questão.

Em nosso País, as políticas públicas voltadas para os idosos deverão considerar, antes e acima de tudo, as diferentes velhices existentes em

nossa sociedade. Isto porque o significado da velhice assume particularidades de acordo com as condições sociais, culturais, econômicas, educacionais, de saúde, étnicas, religiosas, existenciais etc.

No segundo capítulo, "*Educação, Velhice e Sociedade*", centramos nossas reflexões sobre a contribuição da educação formal e não formal para a reforma do pensamento sobre a velhice.

Apesar de a escola poder contribuir significativamente para a reforma mencionada, a ela não deve recair a responsabilidade total de uma empreitada tão radical; não se pode pretender que ela seja uma "obrigação" exclusiva da escola. Isto porque, como é sabido, a formação dos indivíduos é influenciada não só pela escola, como pela família, pela igreja e pelos meios de comunicação, dentre outros.

Quando pensamos na contribuição da educação para a reforma do pensamento consideramos a educação em seu sentido amplo; a educação que deve permear toda a sociedade.

Para que a escola possa contribuir efetivamente para a mudança do pensamento em relação à velhice será necessário preparar os futuros educadores; mas também será necessária a preparação de profissionais de outras áreas que lidam com a velhice. Essa é a justificativa para o terceiro capítulo deste trabalho, que consiste na apresentação da investigação realizada sobre as imagens de futuros educadores sobre as velhices do "outro" e de si mesmos. Acreditamos que este possa ser um ponto de partida: o que pensa um futuro educador sobre a velhice, considerando que ele já traz consigo uma bagagem de informações e conhecimentos sobre o assunto; bagagem influenciada pela cultura, pela escola, pela religião e pela família? Bagagem que, pela opção profissional, será transmitida a futuras gerações com as quais ele irá conviver? Conhecendo as noções, os preconceitos, os estereótipos e os mitos presentes sobre a velhice

poderemos ter uma idéia daquilo que precisa ser modificado na formação do educador para que ele possa transmitir ao educando um novo modo de pensar a velhice.

Na pesquisa, realizada junto a universitários do último ano de pedagogia, verificamos que as concepções de velhice e do processo de envelhecimento refletem valores socialmente estabelecidos e aceitos. Para esses futuros educadores, a velhice é vista tanto positiva, como negativamente. Os sujeitos remeteram-se aos dois "*lados da moeda*". Pudemos observar, no entanto, que os sujeitos da pesquisa não se preocupam e não pensam sobre a própria velhice ou a do outro. Neste sentido, a investigação teve, também, um caráter educativo, pois fez com que os sujeitos refletissem sobre o que permanecia no "*impensado*". Através dela, se deram conta de que também estão em processo de envelhecimento, o que lhes causou certa estranheza. Nesse momento, os sujeitos se preocuparam mais com a própria velhice do que com a velhice do outro. Assim, são fortes os indícios de que a velhice não é pensada por adultos jovens e adultos.

Levados a refletirem sobre sua própria velhice os sujeitos, via de regra, a idealizaram, imaginando-a sempre como uma fase muito positiva da vida. Ponderamos, de acordo com o que já referimos acima, que esta visão positiva da velhice faz parte do acervo pessoal de conhecimentos e informações dos sujeitos; acervo embebido pela sociedade e cultura.

Esse nos parece um dado bastante positivo; dado que sugere que o trabalho dos especialistas das diversas áreas do conhecimento que se dedicam ao estudo da velhice, os movimentos de terceira idade, a veiculação de programas de televisão, as publicações em artigos em revistas e jornais, as páginas e os sites da Internet, entre outros, estão atingindo o grande público.

Temos indícios de que os padrões socialmente estabelecimentos sobre a velhice estão se alterando. A velhice já não está sendo pensada como uma fase da vida marcada somente por perdas, solidão, amargura, doenças, declínio físico e mental e "*sala de espera da morte*".

Esperamos haver contribuído, apontando caminhos para futuras pesquisas que possam aprofundar mais o estudo de uma questão social de tanta relevância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Vera Lucia Valsecchi de, *Sociedade Moderna: origens, fundamentos e características.* São Paulo, 2002.

ALMEIDA, Vera Lucia Valsecchi de, *Visualidade e Mundo Moderno: Imagens da Velhice.* São Paulo, 1999 (Tese de Doutorado em Ciências Sociais, 1999, PUC/SP).

BRANDÃO, Carlos R. (org.) *O Educador: Vida e Morte.* 5ª ed.: Rio de Janeiro: Graal, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. *A Liberdade.* Trad. M.F.Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Editorial Stampa, 1989.

BAUER, Martin W. e George Gaskell. Pesquisa Qualitativa Contexto, Imagem e Som: Um manual prático. Trat. Pedrinho A Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002:321.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice.* Trad. Maria Helena Franco Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 1990.

BERQUÓ, Elza. *Plano de Ação Governamental integrado para o Desenvolvimento do PNI.* Brasília, Ministério da Previdência e Assistência Social/Secretaria de Assistência Social.

CARAMANO, A. A. O Idoso Brasileiro no Mercado de Trabalho. Rio de Janeiro: IPEA, out. 2001.22 p. tab. Graf. (IPEA. Textos para Discussão, 830).

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v.16. São Paulo: Cortez, 1991.

Como Fotografar Gente. (Curso Prático de Fotografia Globo). Rio de Janeiro: Globo, 1988.

DELORS, Jacques. Educação: Um Tesouro a descobrir. 4ª Ed. Ed. São Paulo: Cortez.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 19º ed. (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____Educação e Mudança. 14ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

GOLDFARB, Delia Catullo. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

FOGAÇA, Maria Cristina Costa Braga Hortelli. *Reflexões sobre o Envelhecimento. Faculdade Aberta para a Terceira Idade "Costa Braga".* São Paulo: LTr, 2001.

GROSSI, Esther. *A coragem de mudar em educação.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HADDAD, Eneida G. de Macedo. *O direito à Belice: os aposentados e a previdência social. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001* (Coleção Questões de nossa época; v. 10)

KACHAR, Vitória (org.) *Longevidade um novo desafio para a educação.* São Paulo: Cortez, 2001.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. *Saúde na velhice: as interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento.* São Paulo: Educ, 2000.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. *A invenção Social da velhice.* Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

MARTINES, de S. G. Maria. *"Morar" na velhice: Expectativas entre Envelhescentes.* São Paulo, 2008 (Dissertação de Mestrado em Gerontologia, 2008, PUC/SP).

MEC: UNINESCO, 2000. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI. Brasília DF.

MERCADANTE, F. Elisabeth. *A Construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso.* São Paulo, 1997 (Tese de Doutorado em Ciências Sociais, 1997, PUC/SP).

MINAYO M.C.S (organizadora), DESLANDES, Ferreira Suely, NETO, Cruz Otávio, GOMES, Romeu. Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORIN, E. *Educação e Complexidade: Os Sete Saberes e Outros Ensaios.* Maria da Conceição de Almeida, Edgar de Assis Carvalho (orgs.) 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NETO, C. Artur. *No Olhar da Criança o "Retrato Velado" da Discriminação do Idoso.* São Paulo, 2004 (Dissertação de Mestrado em Gerontologia, 2004, PUC/SP).

_____*Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.* Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica Edgar de Assis Carvalho. 4ª ed. São Paulo: Cortez; DF: UNESCO, 2001.

_____*Edgar Morin: Ética Cultura E Educação.* Alfredo Pena-Veja, Cleide R. S. Almeida, Izabel Petraglia (orgs.) 2ª ed.;São Paulo: Cortez, 2003.

NERI, Anita Liberalesso. *Palavras-chave em Gerontologia.* 2ª ed. Campinas/SP: Alínea, 2005. (Coleção Velhice e Sociedade).

NOGUEIRA, J. Eliete. *Atitudes em Relação à Velhice: Análise de Conteúdo de Textos de Literatura Infantil Brasileira. Campinas, 1992 (Dissertação de Mestrado em Educação, 1992, Universidade Estadual de Campinas).*

_____e FREIRE, Sueli Aparecida (orgs.) *E por falar em boa velhice.* Campinas/SP: Papirus, 2000.

RAGAZZI, A. Regina. *Imagem da Velhice na Literatura Infantil.* São Paulo, 2004 (Dissertação de Mestrado em Gerontologia, 2004, PUC/SP).

ROSEMBERG, José. *Divagações sobre a Velhice.* Revista Fac. Ciências Médicas. Sorocaba, v. 4, n.1-2, p. 75-82, 2002.

SILVA H. M. Cássia. *Significado de Velhice e Envelhecimento para Alunos de Enfermagem.* Sorocaba, 2005 (Dissertação de Mestrado em Educação, 2005, Universidade de Sorocaba).

STANO, Rita de Cássia M. T. *Ser professor no tempo do envelhecimento: professorialidade em cena.* São Paulo: Educ, 2005 (Tese de Doutorado em Educação, 2001, PUC/SP).

RIOS, Terezinha Azerêdo, Ética e Competência. 11ª Ed. (Coleção Questões da Nossa Época; v.16). São Paulo: Cortez, 2001.

VERAS, R (org.) *Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro.* Rio de Janeiro: Reluume Dumará – UnATI/UERJ, 1995.

Anexos

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pelo presente instrumento declaro que fui suficientemente esclarecida, por *Ana Rosa Andrade, aluna regularmente matriculada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,* sobre os objetivos da investigação "A Velhice no Olhar de Futuros Educadores". A responsabilidade da pesquisa é da aluna que tem, como orientadora, a Profª Dra. Vera Lúcia Valsecchi de Almeida.
Estou ciente que a pesquisa está sendo realizada para obtenção do título de mestre em Gerontologia Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC - SP.

Pelo presente também manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para realização da entrevista.
Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador(a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

Nome da Pesquisa: **"A Velhice no Olhar de Futuros Educadores"**
Pesquisador (a) Responsável: Ana Rosa Andrade- RG 12.454.811
Endereço: Rua Rússia nº120 aptº 32- Jardim Europa-Sorocaba-São Paulo
Telefone: (15) 3202-4466
Pesquisadores participantes: - não consta outros
Patrocinador: - não consta

Objetivos: Investigar a velhice no olhar de futuros educadores. A escolha do curso de pedagogia decorreu da consideração de que eles serão futuros educadores; tendo, portanto, um papel importante na transmissão de valores.

Procedimentos do Estudo: Se o pesquisado(a) concordar em participar da pesquisa, receberá numa folha papel A4, imagens que retratam a velhice

respondendo a seguinte afirmação: **“Velhice é...”.** Após a resposta, o sujeito receberá um espelho e será indagado sobre as projeções da própria velhice, respondendo; **(Minha velhice será....).**

A pesquisa será realizada individualmente com tempo de até 30 minutos para o pesquisado responder as duas perguntas. A abordagem metodológica será qualitativa e baseada na análise dos conteúdos presentes nas respostas. Os resultados analisados da investigação poderão apontar caminhos para a área da Educação, sobre a velhice e o processo envelhecimento, que tem como representantes futuros educadores.

Riscos e Desconfortos: Não haverá riscos e nem desconfortos, o pesquisado terá a liberdade da sua desistência sem nenhum tipo de prejuízo, se assim o desejar.

Benefícios:

Esperamos uma reflexão para o crescimento de si mesmo, para uma projeção das concepções sobre velhice, conseqüentemente para a sociedade atual e futura.

Custo/Reembolso para o participante: Não haverá nem custo, nem reembolso.

Confidencialidade da pesquisa: Será garantida a privacidade do pesquisado de dados confidencias envolvido na pesquisa, e que serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa.

_____

Nome do pesquisado: RG:

Data: ___/___/2008 Assinatura:_____

Testemunha:

Nome: RG:

Data: ___/___/2008 Assinatura:_____

Testemunha:

Nome: RG:

Data: ___/___/2008 Assinatura:_____

Pesquisador:

Nome: RG:

Data: ___/___/2008 Assinatura:_____

2. Pareceres dos Comitês de Ética

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

Parecer Sobre Aspectos Éticos em Pesquisa em Seres Humanos

TÍTULO DA PESQUISA: "A Velhice no Olhar de Futuros Educadores"

RESUMO DA PESQUISA: (elaborado pela autora) O lugar ocupado por alunos do curso de Pedagogia (como futuros educadores) na transmissão de conhecimentos, na formação de crianças e jovens e, fundamentalmente, na veiculação de valores, responde, em linhas gerais, pelo projeto de pesquisa em tela, cujo objetivo central é investigar as representações da velhice entre alunas do último ano do curso de pedagogia. A pesquisa será realizada na Universidade de Sorocaba (UNISO) através da exposição dos sujeitos a estímulos visuais (imagens) que têm, como referentes, pessoas idosas. Diante das imagens os sujeitos serão convidados a responder à seguinte afirmação: "**Velhice é**". Após a resposta, cada sujeito será indagado sobre as projeções que faz sobre a própria velhice. (**minha velhice será...**). Serão selecionados 20 sujeitos (10 do período matutino e 10 do noturno). Cada sujeito, aleatoriamente selecionado do total de alunos de cada turma (em média, 50 alunas), será previamente esclarecido dos objetivos da investigação e de sua finalidade. Para participar da pesquisa os sujeitos deverão assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A abordagem metodológica será qualitativa e baseada na análise dos conteúdos presentes nas respostas. **PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** Ana Rosa Andrade

PROGRAMA: PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA (MESTRADO)

RELATORES DO CONSELHO DE ÉTICA DO PROGRAMA DE GERONTOLOGIA

CONSIDERAÇÕES:

O valor da investigação proposta é inegável, tanto para a Gerontologia, como área de conhecimento, como para a elaboração de projetos e programas que, na área da Educação, mantém interfaces claras com os conhecimentos e valores transmitidos, pelos educadores de amanhã, sobre a velhice e o processo de envelhecimento. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido preenche os requisitos, explicitando, claramente, os objetivos da pesquisa, os recursos utilizados para a coleta de dados e as condições da participação dos sujeitos.

É recomendada a inclusão do Termo de Aceitação, fornecido pela instituição pesquisada.

(+) Aprovado

Data e assinatura dos relatores: São Paulo, 03 de Outubro de 2008.

Ruth G. da C. Lopes

Ursula Margarida Karsch

Rua Monte Alegre, 984 - 4º andar – Corredor E Sala 18 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP 05014-901 - Tel (011) 3670-8400 – Núcleo de Pesquisa e Estudo do Envelhecimento (NEPE)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 282/2008

Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP

Orientador(a): Profa. Dra. Vera Lúcia Valsecchi de Almeida

Autor(a): Ana Rosa Andrade

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado ***A velhice no olhar de futuros educadores***

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e *demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que* os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O responsável pela instituição onde será realizada a pesquisa deve assinar o formulário Folha de Rosto da CONEP, obrigatoriamente, no prazo máximo de trinta dias corridos, contados a partir de 27/10/2008.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética *em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Sede Campus Monte* Alegre, em Reunião Ordinária de 27/10/2008, **APROVOU COM RECOMENDAÇÃO** o Protocolo de Pesquisa nº 282/2008, assinalando **prazo de 30 dias para regularização da PENDÊNCIA**.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea "c", do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 27 de outubro de 2008.

Prof. Dr. Paulo Edgar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Rua Ministro de Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001
Tel.: (0xx11) 36708466 – Fax: (0xx11) 36708466 – e-mail: cometica@pucsp.br

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

PUC-SP

São Paulo, 09 de outubro de 2008.

Magnífico Reitor da Universidade de Sorocaba

Vimos respeitosamente solicitar a Vossa Magnificência autorização para que *Ana Rosa Andrade*, mestranda do Programa de Pós Graduação em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, realize a coleta de dados de sua pesquisa intitulada "*A Velhice no Olhar de Futuros Educadores*", nessa instituição de ensino.

A pesquisa tem por objetivo investigar a velhice no olhar de futuros educadores. A escolha do curso de pedagogia decorreu da consideração de que eles serão os futuros educadores tendo, portanto, um papel importante na transmissão de valores associados à velhice. A metodologia utilizada será a pesquisa qualitativa reunindo estudo bibliográfico sobre o tema, análise das afirmações que os sujeitos serão convidados a responder diante de um estímulo visual com imagens de idosos, impresso em folha A-4com a seguinte afirmação: "**Velhice é**....."; em seguida, os sujeitos receberão um espelho colado numa folha e responderão sobre sua própria velhice. ("***minha velhice será*** .....").

Serão sujeitos da pesquisa alunos do último ano de Pedagogia, 10 do período diurno e 10 do período noturno, aleatoriamente selecionado.

Antes das entrevistas serão realizados encontros com cada sujeito para esclarecer sobre a pesquisa, a entrevista e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), caso o aceite.

Toda pesquisa estará sob a autorização e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP. As duas questões acima mencionadas serão aplicadas somente mediante aprovação deste órgão regulador, conforme preconiza a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Os encontros serão previamente agendados com os interessados e a coordenação do curso, a fim de serem aplicadas pessoalmente pelo pesquisador em tempo que não atrapalhe o andamento da IE.

Contando com o aceite de Vossa Magnificência para o desenvolvimento da pesquisa junto a esta instituição, desde já manifestamos nossos agradecimentos e nos colocamos à disposição para outras informações que se fizerem necessárias.

Atenciosamente,

Elisabeth F. Mercadante Vera Lucia V. de Almeida

Profa Dra Elisabeth F. Mercadante
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da PUCSP

Profa Dra Vera Lúcia Valsecchi de Almeida
Orientadora

Rua Ministro Godói, 969 – 4º andar s/ 4E-18 São Paulo/SP – CEP 05015-901 - Perdizes: (11) 3670-8274
http://www.pucsp.br/ - geronto@pucsp.br

Universidade de Sorocaba

Sorocaba, 21 de outubro de 2008.

PROPG Nº. 44/2008

Ilma. Sra.
Profª. Drª. Elisabeth F. Mercadante
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Ref.: Autorização Para Coleta de Dados

Em resposta ao ofício datado de 09/10/2008, informamos que a aluna do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, **Ana Rosa Andrade**, está autorizada a realizar a coleta de dados para conclusão da dissertação intitulada "*A Velhice no Olhar de Futuros Educadores*" na Universidade de Sorocaba, devido comprovação de aprovação da pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Coloco-me à disposição para outros esclarecimentos.

Atenciosamente.

Profª. Drª. Marli Gerenutti
Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa
Vice-Reitora

“Velhice é...”

3. Imagens Utilizadas na Pesquisa de Campo[13]

"Velhice é..."

[13] Capturadas do site http://www.gettyimages.com/Creative/RightsReady, 2008

“Minha velhice será...”

“Minha velhice será...”

4. Roteiro de Entrevista

Duas indagações foram colocadas aos sujeitos:

A primeira - "**Velhice é...**" - foi formulada a partir da exposição de diferentes imagens impressas em uma única folha A4 (um total de 10 imagens, das quais nove de idosos). Foram respondidas numa folha A4.

A segunda - "**Minha velhice será...**" - foi precedida da colocação de um espelho para que o sujeito se "olhasse". Foram respondidas numa folha A4

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo